

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
INSTITUTO SUPERIOR DE ESTUDOS E PESQUISAS PSICOSSOCIAIS  
CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

FEV  
200  
1991

ATIVIDADE E PSICOTERAPIA:  
UM RECURSO TÉCNICO DE AMPLIAÇÃO DA CONSCIÊNCIA

YOLANDA MARA FREIRE DE OLIVEIRA SOUZA

RIO, 08, JANEIRO , 1991

Dedico esta tese:

A meu pai HENRIQUE, *in memoriam*,  
que tanto amou a seus filhos e  
que não mediu sacrifícios para  
nos dar aquilo que acreditava ser  
o bem mais precioso, a sua me-  
lhor herança: o conhecimento.

## AGRADECIMENTOS

- A minha mãe, ZULEICA, e a meu irmão, HENRIQUE, pelo apoio e pelo carinho a mais que me deram nesse período em que tão pouco carinho e atenção lhes pude dar.
- Aos meus AMIGOS, que tanto me incentivavam nos momentos em que eu deixava de acreditar na possibilidade de conclusão desta tese e que foram tão pacientes com a minha ausência.
- A ELEANOR LUZES, que tanto tem me ensinado sobre Jung e sobre o ser terapeuta, e ao GRUPO DE FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA ANALÍTICA, especialmente a ELIZABETH que muito me incentivou a fazer parte dele.
- A ROSANE PINHEIRO e às AMIGAS do curso de Tarô, pelo rico aprendizado sobre símbolos, pelo carinho e pelo incentivo que têm me dado nos bons e nos maus momentos do trilhar da minha jornada.
- A MÁRCIA PINHEIRO, minha terapeuta, e ao GRUPO DE TERAPIA que tanto têm me ajudado a crescer como pessoa, a perceber e a acreditar nas minhas potencialidades e a reconhecer a lidar com minhas limitações.
- A CLÁUDIA E SÍLVIO LOUREIRO, que, além da amizade, me deram a oportunidade de trabalhar mais intensamente com a Arteterapia.
- Aos MEUS PACIENTES, que tanto têm ensinado sobre a alma humana e que tanto têm me feito mais responsável e humilde.

— Ao Prof. SEMINÁRIO, que há muito vem me incentivando como pes  
soa e como aluna, e que tanto tem me ensinado sobre o papel  
e sobre o valor de um verdadeiro Mestre.

## RESUMO

O objetivo desta pesquisa é o de descrever as bases teóricas que fundamentam a utilização da atividade em Psiquiatria e na Psicologia Dinâmica como recurso terapêutico. Damos ênfase às possibilidades que esta utilização apresenta na ampliação da consciência, que consideramos como essencial no processo de intervenção psicoterápica.

Em psiquiatria, abordamos a evolução da compreensão do papel da atividade no processo terapêutico e relacionamos tal compreensão às transformações do conceito de doença mental que foram concomitantemente tendo lugar nesta área. Para tanto, descrevemos duas linhas de trabalho especificamente vinculadas à questão da atividade: a Terapia Ocupacional e a Arteterapia.

Abordamos, também, as diferentes formas de utilização da atividade como recurso terapêutico na Psicologia Dinâmica. Procuramos identificar em cada uma das teorias estudadas, - na Psicanálise, no Psicodrama, na Gestalt Terapia e na Psicologia Analítica - a forma de utilização da atividade, sempre relacionando-a à compreensão de ser humano e à compreensão dos objetivos do processo terapêutico por elas explicitados.

Concluimos que no estágio atual da utilização da atividade como recurso psicoterápico, não podemos descartar em totalidade nenhuma das contribuições desenvolvidas até o momento, pois se algumas nos oferecem fundamentação sobre as vantagens da atividade enquanto fazer organizador e socializante, outras

nos oferecem fundamentação sobre seus efeitos no psiquismo em termos de integração de conteúdos inconscientes à consciência: dos aspectos recalcados, dos papéis introjetados, dos sentimentos e formas de lidar com o mundo (em sua intencionalidade), dos aspectos do inconsciente pessoal e do inconsciente coletivo não necessariamente recalcados, mas em forma de potencialidades de ser.

## S U M M A R Y

The purpose of this dissertation is to describe the theoretical bases that fundament the use of activity at Psychiatry and Dynamic Psychology as a therapeutical resource. We emphasize the possibilities of consciousness enlargement this use shows, that we consider essential for the psychoterapic intervention process.

In Psychiatry, we approach the evolution of the understanding of the activity role on therapeutical process and we relate this understanding with the changes of concept about mental disease which have taken place in this area at the same time. For that, we describe two work branches specifically connected with the activity issue: Occupational Therapy and Art Therapy.

We also approach the different ways of using activity as a therapeutical resource on Dynamic Psychology. We tried to identify on each studied theories - on Psychanalysis, on the Psychodrama, on the Gestalt therapy and on the Analytical Psychology - the way of activity using, always relating it to the understanding of human being and the aimes of the therapeutical process, explicited by these theories.

We conclude that, at the present stage of activity using as a therapeutical resource, we can't discard totally any of the contributions that had been developed up to now, because if some of them offer to us fundament about activity

advantages as organizing and socializing making, other offer to to us fundament about its effects on the psyche in terms of unconsciousness contents integration to consciousness: the repressed aspects, the introjected roles, the feelings and ways of dealing with the world (in its intentionally), the aspects of personal unconsciousness and the collective unconsciousness, not necessarily repressed, but as potentialities of being.



# S U M A R I O

Agradecimentos -----	iv
Resumo -----	vi
Summary -----	viii

## PÁG

I N T R O D U Ç Ã O	01
CAPÍTULO I: A VISÃO PSIQUIÁTRICA	07
1 - Terapia Ocupacional	08
2 - Arteterapia	22
CAPÍTULO II: A PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA DINÂMICA	36
1 - Psicanálise	37
2 - Psicodrama	46
3 - Gestalt Terapia	50
4 - Psicologia Analítica	56
C O N C L U S Ã O	81
R E F E R Ê N C I A S    B I B L I O G R A F I C A S	84

## INTRODUÇÃO

### CONCEPÇÃO TERAPÊUTICA DE ATIVIDADE

A idéia de desenvolver uma pesquisa descritiva sobre a questão da atividade na psicoterapia surgiu uma função da nossa prática como arteterapeuta.

A princípio a intenção seria buscar maior fundamentação teórica para o trabalho com arteterapia, porém, no decorrer dos estudos efetivados a questão ampliou-se.

A arteterapia representa uma das formas de utilização da atividade no processo terapêutico, mais ainda, se trata de

um conjunto de técnicas que podem ser abarcadas por vários conjuntos teóricos. Não se trata entretanto, apenas do estudo de atividade no processo terapêutico. O questionamento, refere-se à possibilidade de utilização da atividade como recurso de desenvolvimento da consciência - aquilo que o indivíduo sabe e conhece sobre si mesmo, sua história, sua forma de lidar com o passado, presente e, ainda, seu futuro, sobre o que sabe, enfim, de sua forma de ser no mundo

As diferentes formas de introdução da atividade no espaço psicoterápico se originaram das diferentes visões sobre o ser humano e seu psiquismo.

Não podemos considerar que são lineares as transformações ocorridas desde que se começou este processo, posto que também a evolução das concepções do psiquismo não podem ser consideradas em termos de uma linha de evolução cumulativa - quando um dado saber "cresce" paulatinamente, de acordo com descobertas sucessivas, devido às quais o ponto base, o paradigma inicial, é ampliado e corroborado (Kuhn, 1987).

O saber sobre o psiquismo, não tem sua evolução calçada em um único paradigma - pedra angular de um dado conhecimento - que ao ter sido explicitado tenha sido desenvolvido de forma linear. O que podemos observar ao longo da história da investigação do psiquismo humano, é que o surgimento das diferentes concepções não guardaram necessariamente uma relação de linearidade. Além da não linearidade no desenvolvimento de uma

dada concepção do psiquismo, observados que não há o costume razoável de transformação, ou até de substituição, de um paradigma quando este se torna precário, ou seja, não se mostra suficiente frente às questões levantadas e às descobertas feitas sobre o objeto de estudo. No caso da história das concepções sobre o psiquismo humano, quando surgem objeções à uma dada concepção, oriundas seja do desenvolvimento de uma nova compreensão dos fatos já observados, seja da observação de novos fatos incompatíveis com a mesma, ou ainda, do entendimento de que a concepção utilizada não se presta a responder a novos questionamentos, não ocorre a eliminação daquela por uma outra mais abrangente, que dela derive ou que lhe seja completamente diferente. Ao invés de serem eliminadas, ou melhor, de seus defensores renderem-se às evidências, via de regra, as concepções questionadas são mantidas no cenário como uma "outra" visão, partilhando com as novas concepções formuladas um mesmo espaço, e disputando com estas aqueles que se dedicam ao estudo do objeto alvo.

O estado atual do saber sobre o psiquismo retrata bem o que dissemos acima. Além das diferentes correntes na área de Psiquiatria, na área da Psicologia, observamos a coexistência (que não chamaria de pacífica, mas de cômoda) de linhas que, em determinados casos, chegam a ser incompatíveis entre si, e que em outros, poderiam ser consideradas como complementares por seus adeptos, se estes abrissem mão da ilusão de estarem de posse de uma verdade absoluta. Numa mesma época, temos as correntes que não admitem a possibilidade de trabalho com o inconsciente (apesar de não mais negá-lo), vemos linhas que admitem que somente através da compreensão dos determinismos inconscientes

seremos capazes de lidar com as manifestações patológicas observadas no comportamento, outras que além dos determinismos do inconsciente pessoal postulam que lidamos com uma base coletiva e outras postulam ainda que lidamos com algo até de transpessoal.

Coexistem diferentes concepções que vão mais adiante no que concerne à questão da possibilidade de trabalho no eixo consciente / inconsciente. Nelas são propostas visões sobre a interação entre ambos e sobre as estruturas que os compõem.

Coexistem diferentes concepções sobre o acesso às estruturas consideradas; o trabalho com as manifestações do psiquismo; sobre a direção do trabalho, quer dizer, sobre as possibilidades evolutivas do psiquismo em termos de saúde / doença, crescimento, desenvolvimento, cura, completude, perfeição, etc.; e sobre as vias de acesso e de expressão do psiquismo.

Concordamos com Jung (1981), entretanto, quando este situa o estudo da alma humana em um contexto de complexidade extrema, e que as diferentes correntes e linhas, apesar de serem por vezes complementares, ainda apontam, cada uma delas, para aspectos da psique que as outras não chegam a desenvolver satisfatoriamente. Além disso, as oposições encontradas podem ser atribuídas, não à fragilidade teórica de um ou outra abordagem, mas à própria natureza paradoxal da psique. O que nos parece problemático é a frequência com que cada um destes sistemas se atribui valor de verdade única e com que cada um deles outorga a fatores componentes (constitutivos) da psique o status de determinantes últimos da mesma.

É dentro deste quadro um tanto conflitivo que nos propomos a falar sobre algumas formas de abordagem da atividade no espaço terapêutico - seja ele considerado como o das instituições psiquiátricas, seja ele considerado como espaço de trabalho clínico extra-instituição.

Previlegiamos algumas formas de abordagem por considerá-las capazes de fundamentar a compreensão das diferentes formas de introdução da atividade no espaço psicoterápico (prático ou teórico).

Um outro esclarecimento que se faz necessário é o que diz respeito ao termo atividade. Ele está sendo utilizado em seu sentido mais genérico, relacionado ao fazer no mundo, no qual estão incluídos desde o trabalho produtivo, até as formas de recreação (por jogos ou não) e de expressão (através da pintura, escultura, teatro, música, dança, etc.). Apesar de não negarmos a atividade interna, a que ocorre no psiquismo (como o sentir, o pensar, o perceber) a excluímos da concepção utilizada. Entretanto, a expressão - como produto - desta atividade interna, pela palavra falada ou escrita, pelos gestos e movimentos corporais, através de imagens, etc., também se encaixa no nosso genérico conceito de atividade.

Precisamos de um conceito de tamanha amplitude para que possamos abarcar suas linhas de utilização sem que mudemos o conceito a cada uma delas. Obviamente, faremos especificações de como cada linha trata a questão da atividade e até de como cada uma delas vai se posicionar frente ao executor e frente ao produzido (o fruto da atividade).

Como base para a nossa breve reflexão sobre as propostas de utilização da atividade no espaço psicoterápico, consideramos os seguintes pontos:

- a forma de compreensão e ênfase dada aos itens que compõem o processo:
  - . a atividade em si, o fazer algo;
  - . aquele que executa a ação;
  - . o produto da ação executada.
- a atividade na psicoterapia como recurso auxiliar no aprimoramento da relação do indivíduo com ele mesmo.
- a atividade na psicoterapia como recurso auxiliar no aprimoramento da relação do indivíduo com o meio.

Intensionalmente não explicitamos neste estudo as abordagens sobre a atividade humana fora do espaço psicoterápico.

As perspectivas de Psicologia Geral ou mesmo da area da filosofia que se propuseram a estudar as relações existentes entre a ação e o homem que a efetua, como a perspectiva de Piaget que vê a ação como estruturadora da cognição, ou como a perspectiva de Berger e Luckmann que consideram que a consciência humana se constitui a partir das relações de trabalho e vice versa, se encontram imbutidas nas perspectivas aqui apresentadas, e são nos interessam à medida em que estão contextualizadas na prática psicoterápica.

## CAPÍTULO I:

### A VISÃO PSIQUIÁTRICA

*Que coisa é essa  
de dar forma ao  
sentimento?*

*Com que cores vou pintar,  
Que tamanho devo dar,  
Ao que sinto profundo  
mas que não tem  
largura ou comprimento?*

*Volanda Freire*



## 1 - TERAPIA OCUPACIONAL

Com base no texto de Nise da Silveira (s/data) sobre o desenvolvimento da Terapia Ocupacional, podemos constatar que, quando a questão da atividade começou a ser levantada nos hospitais psiquiátricos, a visão preponderante sobre a doença mental era, basicamente, a visão organicista. Buscava-se na época, há quase dois séculos atrás, a causa dos estados mórbidos do psiquismo na estrutura orgânica (como ainda o fazem alguns). A concepção de esquizofrenia, então chamada de "demência precoce" consistia em que o paciente estaria sofrendo de degenerescência de suas funções psíquicas, tanto intelectuais quanto afetivas. A atividade na época era introduzida com o objetivo de preservar as funções ainda em funcionamento e tentar conter o processo de perda total das funções já em estado precário; também tinha um sentido de oposição ao ócio, que em si favoreceria o processo de decadência. Para Kraepelin, a escolha da atividade a ser exercida pelo doente era feita com base na atividade que o mesmo exercia antes da internação ou de acordo com a facilidade de execução, utilizando jogos ou leituras leves. O objetivo, portanto, era o de conter o processo de demenciação e não de cura.

A partir de Bleuler, esta visão começa a se transformar. Estamos no início do séc. XX. Começa-se a admitir, além da etiologia orgânica, a existência de uma etiologia psíquica para os sintomas apresentados. Bleuler (1960) postula também que o que se observa não é um esvaziamento das funções mentais (a

perda destas), mas sim, o comprometimento das mesmas devido à um processo de cisão da personalidade. Assim, por exemplo, a afetividade do esquizofrênico (termo utilizado por Bleuler) que na visão anterior estava condenada à perda, enquanto função, neste momento é vista como estando contaminada pela desagregação interna, pela cisão do psiquismo. Esta cisão fica sendo responsável pela disfunção e não pela eliminação (como se acreditava) da afetividade, do pensamento, etc. No caso, o psiquismo não pode emitir respostas conectadas com o real, por, inclusive, não poder apreender este real de maneira conectada e coerente. Entretanto, mesmo no caso de pacientes há muito no processo da doença foram observados momentos de respostas afetivas de grande intensidade, se bem que estas respostas não eram necessariamente adequadas. A inadequação se devia ao afastamento da realidade, e, portanto, a introdução de atividades no trabalho com o paciente estava voltado para o restabelecimento deste contato. Mantem-se a orientação para o exercício das funções psíquicas, sendo que a meta é não só a manutenção mas também o aprimoramento do contato com a realidade. A natureza da atividade não é em si questionada, porém, já lhe são atribuídas características terapêuticas, posto que se prestam à estimulação das capacidades de adaptação do paciente. Começa a delinear-se uma terapêutica ocupacional.

Nesse momento segundo a perspectiva que adotada, vemos o surgimento de diferentes movimentos que não podem ser considerados como radicalmente divergentes, convergentes ou paralelos. De um lado, vemos a continuação da linha da terapêutica ocupacional; de outro, vemos o desenvolvimento de teorias (e

respectivas técnicas) de compreensão e interferência no psiquismo. O que consideramos de comum nestas linhas é a atribuição de significação dos sintomas apresentados pelo doente e o questionamento do papel da atividade no processo terapêutico.

Ainda em relação à atividade na Psiquiatria, que as investigações desenvolvidas partir desta época, com excessão do trabalho de terapêutica ocupacional, estavam muito mais voltados para a construção de uma psicologia e de uma psicopatologia dos processos mentais e suas estruturas (o que ultrapassa definitivamente os portões dos hospitais psiquiátricos). Portanto, continuaremos a dissertar sobre os desenvolvimentos ocorridos na área de terapêutica ocupacional. Retornaremos, no próximo capítulo, à questão da atividade na forma que foi explorada pelas construções teórico-práticas que emergiram desde então.

Com Herman Simon, de acordo com a perspectiva de Silveira (ibid.) à atividade é atribuído um caráter vital, sendo necessária uma base lógica que oriente a sua exteriorização. Seu método tem um caráter educativo, de uma psicagogia, onde se busca, tanto a eliminação das manifestações patológicas quanto o estímulo do que ainda se apresenta conservado em sua personalidade. O caráter educativo está também voltado para as relações sociais, já que o comportamento considerado inoportuno é reprimido através do afastamento transitório de seu executor.

Simon estabelece cinco graus de classificação das ocupações ordenadas segundo "*o esforço de atenção, a iniciativa e o raciocínio requeridos para serem executadas*" (Ibid., p. 8). De acordo com a avaliação médica o indivíduo é encaminhado para

exercer atividades num destes cinco graus de aprimoramento, e, de acordo com o seu desempenho vai sendo promovido ou rebaixado de grau.

Para Carl Schneider, na atividade expressa-se o somático e o psíquico conjuntamente sendo que seu exercício orientado possibilita, conforme indicado por Silveira (ibid. p. 8):

- 1) *"Descarga dos processos psíquicos patológicos que de outro modo, far-se-ia através de excitação motora;*
- 2) *"Repouso dos funcionamentos patológicos e exercício das funções conservadas;*
- 3) *"Profilaxia das manifestações patológicas e supressão da instabilidade psíquica." (ibid. p. 8).*

Seu trabalho é dirigido para a tentativa (através da pesquisa) de identificação dos tipos de atividades que sejam mais adequadas para cada doença e síndrome por ele consideradas. Procurou, portanto, discriminar e especificar a ação das atividades sobre as funções psíquicas.

Também encontramos, entre aqueles que tiveram participação na introdução da atividade como instrumento terapêutica, Paul Sivadon.

Seguindo a tradição de John Hughlings Jackson, que esboçou uma teoria que concebia as funções psíquicas dentro de uma hierarquia estrutural, Sivadon vai utilizar a atividade co-

mo instrumento para que o doente estabeleça relação com o mundo exterior, buscando o desenvolvimento da capacidade adaptativa do doente.

A atividade terá como objetivo a reestruturação progressiva da personalidade. O doente será submetido ao exercício de atividades cada vez mais complexas, menos organizadas (no sentido de serem menos dirigidas e padronizadas) e mais voluntárias, sendo pressionado para que atinja níveis funcionais cada vez mais complexos.

Sivadon procurou estabelecer condições que favoreciam o trabalho com o doente, tendo considerado os seguintes fatores: o grupo de trabalho, o tipo de ocupação - em que o autor apresenta, de acordo com o nível de sociabilidade do doente, uma escala onde estão incluídas as "*ocupações de tipo lúdico, ocupações expressivas (pintura, modelagem), cópia e reprodução, criação artística e artesanal, criação utilitária (para o indivíduo, para o grupo, para o hospital)*"; o ritmo de trabalho, o material de trabalho - tendo ele observado que "*os materiais mais longamente experimentados pela espécie humana*",... "*mais próximos da natureza*", ... "*mais doces*", ... "*mais fecundos*" e ... "*mais mágicos*" têm maior aceitação; o grau de relações humanas e o grau de responsabilidade (ibid. p. 11).

Sivadon procura abarcar não somente a utilização da atividade, mas também as interações que se estabelecem com o seu exercício. Há o maior desenvolvimento da temática da interação social e de seu papel no espaço psiquiátrico, e percebemos que há também uma preocupação com a qualidade da atividade, numa abordagem mais abrangente que a posição de Simon.

Barahona Fernandes, de acordo com o exposto por Silveira (ibid.), vai utilizar a atividade para atingir, dentre os níveis do indivíduo que ele considera que a doença mental pode contaminar (o nível material, o nível biológico, o nível psíquico e o nível espiritual), o nível biológico; o psíquico "elevando o humor vital, restaurando os sentimentos de confiança no próprio valor, exercitando a atenção, a capacidade de concentração e outras funções intelectuais"; e também o nível espiritual, "pelo desenvolvimento das relações humanas dentro dos grupos de trabalho, levando o doente a apreciação de valores morais e mesmo trazendo-lhe um sentido à vida". (ibid., p. 12).

Como um dos mais ricos exemplos de utilização da atividade como recurso terapêutico, temos o trabalho que Nise da Silveira vem desenvolvendo com pacientes psicóticos.

Através do sensível aproveitamento de várias visões e contribuições da área da terapêutica ocupacional e da área da psicologia, o trabalho de Nise da Silveira tem como proposta a utilização da atividade não apenas como forma de fazer o indivíduo retomar o contato com a realidade no sentido de manifestação de comportamentos socialmente aceitos, mas, principalmente, como forma de levar o indivíduo a reestruturar paulatinamente o seu psiquismo, como forma de "maturação da personalidade" (Silveira, s/data, 13), de mobilizar "as forças auto-curativas que se movem em direção à consciência, isto é, à realidade". (Silveira, 1987, p. 55).

A atividade aqui é vista como uma forma de expressão da vida afetiva da pessoa. Se raciocínio e atenção são valorizados

por Simon, a prioridade aqui é a vida afetiva da pessoa, em "suas necessidades de expressão e satisfação" (Silveira, s/data, p. 15).

A questão do prazer do criar é bastante desenvolvida nos seus trabalhos. Tomando como base a teoria dos estádios da libido de Freud, Silveira procura oferecer a seus pacientes atividades que sejam satisfatórias para o nível de evolução de libido em que estes se encontram, posto que somente sendo satisfeitas as exigências de um determinado estágio é que este pode ser ultrapassado. Em alguns casos, de maior comprometimento do ego, as atividades devem oferecer prazer em si, de imediato. O material oferecido deve ter características próprias que gerem satisfação ao seu manuseio.

Mesmo oferecendo ao paciente acesso a atividades que dêem origem a produtos de valor utilitário a comunidade (como no caso das oficinas de marcenaria e encadernação e do salão de beleza)<sup>1</sup>, a ênfase é dada ao exercício das atividades às quais denomina de atividades expressivas,

"aquelas que melhor permitem a espontânea expressão das emoções, que dão mais larga oportunidade para os afetos tomarem forma e se manifestarem, seja na linguagem dos

---

(1) A base aqui também é a teoria freudiana (Silveira, s/data, p. 12) que considera como um grande passo em direção à reintrodução do indivíduo à comunidade humana o desenvolvimento da capacidade de canalizar a energia da libido originariamente voltada aos aspectos narcísicos ou agressivos, da personalidade do indivíduo, ou aos aspectos desta tidos como anti-sociais pela cultura deste indivíduo, para atividades produtivas socialmente aceitas.

*movimentos, dos sons, das formas e cores, etc."* (Silveira, 1986, p. 13).

Sua visão da atividade já comporta uma outra visão do paciente psiquiátrico. O doente não é mais aquele que se afastou da realidade em direção a um mundo inacessível e que está condenado à limitação paulatina e irreversível de suas funções psíquicas. Silveira pôde comprovar que as funções, apesar de transformadas, encontram-se presentes, que o conceito de inacessibilidade está ligado basicamente à exigência de expressão através da fala e do exercício do pensamento lógico (que, por ser dependente da condição de ego, apresenta-se, no caso do psicótico, comprometido), e que não é somente através da linguagem, última forma de expressão a ser aperfeiçoada pelo aparelho psíquico, que uma pessoa pode comunicar o que se passa no seu interior.

No caso dos pacientes esquizofrênicos, Silveira (1986) observou que, ao lhes serem oferecidos materiais aos quais a humanidade recorreu em seus primórdios como recursos de expressão - como tintas, argila e, instrumentos musicais -, a comunicação acontece. Ao contrário de repetir a mesma apatia muitas vezes expressa na mímica dos pacientes, as imagens, sons e formas produzidas por eles remetiam a um mundo rico, retratavam suas angústias, seus sofrimentos, sua desestruturação e a concomitante luta para a retomada do equilíbrio, seu contato com imagens fantásticas, que não poderiam sair apenas da vivência particular de cada indivíduo, mas que estariam ligadas às vivências coletivas da humanidade.



A atividade deixa de ser somente um fator de passatempo, de socialização e de manutenção da integridade das funções ainda não comprometidas, para ser o ponto chave que permite a expressão do mundo interno do esquizofrênico. Desta forma:

*"é através destas atividades que se pode conseguir maior penetração no mundo íntimo do psicótico. Assim atribuímos especial importância às atividades expressivas individuais - pinturas, xilogravura, modelagem, arranjo floral. Essas atividades permitem a expressão de vivências muitas vezes não verbalizáveis, fora do alcance das elaborações da razão e do pensamento." (Silveira, 1986, p. 13-14).*

É através da atividade expressiva, então, que o paciente pode expor seu mundo interno e a sua forma de apreensão do mundo externo, (Silveira, s/data, 45), quando o nível verbal se encontra comprometido. Segundo a autora,

*"é aí que se insere a terapêutica ocupacional, oferecendo atividades que permitam a expressão de vivências verbalizáveis para aquele que se acha mergulhado na profundidade do inconsciente, isto é, no mundo arcaico de pensamentos, emoções e impulsos fora do alcance das elaborações da razão e da palavra." (1987, p. 54-55).*

O papel da criatividade no exercício da atividade é outro aspecto levado em conta. A criatividade é vista como uma

função em si. Como função, precisa ser trabalhada e tem participação importante na vida psíquica do sujeito.

*"A criatividade é o catalizador por excelência das aproximações de opostos. Por seu intermédio, sensações, emoções, pensamentos, são levados a reconhecerem-se entre si, a associarem-se, e mesmo tumultos internos adquirem forma." (1986, p. 11).*

Além disto, o exercício da atividade expressiva abre caminhos para a possibilidade de cura, posto que a objetivação, o dar forma pelas próprias mãos, aos conteúdos dos dramas internos vivenciados pelo paciente, despotencializa-os "de sua força desintegradora" (s/data, p. 16-17), e possibilita que sejam confrontados. Assim, os conteúdos antes apavorantes, após a objetivação e através do confronto, são despojados "de suas fortes e desintegrantes cargas energéticas" (Ibid., p. 32).

A atividade adquire ainda uma outra função. A partir dos estudos feitos em relação à tendência à abstração observada nos trabalhos dos pacientes psicóticos, a autora citou os trabalhos abstratos como decorrentes da tentativa destes pacientes de despotencializar conteúdos. Já vimos este movimento quando falamos da despotencialização dos conteúdos internos. Agora podemos ver a abstração como forma de despotencialização das figuras externas. Assim, as figuras abstratas, retratam a distância da realidade que o paciente procura manter por vivenciá-la como extremamente ameaçadora. A pintura não figurativa não pode mais ser vista como resultado do embotamento afetivo, trata-

se da tentativa de defesa frente à angústia, da tentativa de retorno às leis primeiras, imutáveis, do mundo inorgânico, com as quais o indivíduo se sente mais seguro e protegido (Silveira, 1981).

Uma forma de redução desta angústia frente ao mundo externo experimentada pela equipe de Silveira foi proporcionar ao paciente contato com uma figura humana ou animal, que pudesse, através do estabelecimento de um vínculo afetivo (de amizade), servir como ponto externo de referência e apoio (Silveira, 1987). Este ponto de apoio carrega então a possibilidade do contato estruturador com o mundo.

A figura, a princípio externa à estrutura de produção (composta basicamente pelo produtor, seus instrumentos e sua obra), demonstra ser parte importante no trabalho de cura do paciente:

*"O esquizofrênico dificilmente consegue comunicar-se com o outro, falham os meios habituais de transmitir suas experiências. E é um fato que o outro também recua diante desse ser enigmático. Será preciso que esse outro esteja seriamente movido pelo interesse de penetrar no mundo hermético do esquizofrênico. Será preciso constância, paciência e um ambiente livre de qualquer coação, para que relações de amizade e de compreensão possam ser criadas. Sem a ponte desse relacionamento a cura será quase impossível."* (ibid., p. 80).

Finalmente, a atividade é vista como o caminho para a objetivação de forças auto-curativas existentes no psiquismo do paciente. A compreensão deste fator ordenador e reestruturador do psiquismo expresso nas imagens produzidas pelos pacientes veio principalmente através do contato com a psicologia analítica de Jung, quando Silveira pode observar a semelhança das imagens produzidas nos ateliers de T.O. com as formas mandálicas consideradas, pelo autor, como símbolos integradores do psiquismo. No caso, quando o psiquismo encontra-se desestruturado, fragmentado, o organismo lança mão de seu potencial reorganizador e auto-curativo (Silveira, 1987), produzindo imagens que simbolizam há muito para a humanidade, dentre outras coisas, organização, estruturação e inteireza: o círculo e o número (expresso nas divisões das figuras circulares, que são geralmente múltiplas de quatro). Trata-se da mobilização de forças instintivas - inconscientes - que atuam de modo a compensar a desestruturação da consciência (Silveira, 1981).

Em seu trabalho, Silveira utiliza amplamente concepções junguianas no que diz respeito à compreensão dos conteúdos das produções dos pacientes (no caso de pacientes psicóticos, estes conteúdos são considerados como manifestações do inconsciente coletivo) e no que se relaciona à estrutura psíquica dos mesmos, tomando inclusive como base para delimitação do tratamento dado ao paciente a classificação de Jung dos tipos psicológicos, com a análise das funções prioritariamente empregadas pelo paciente.

"O exercício de atividades ocupacionais, escolhidas intencionalmente, poderá solicitar o emprego das quatro funções, contribuindo assim para uma melhor distribuição da carga energética inerente a cada uma delas." (Silveira, s/data, p. 16).

Como a função inferior da pessoa pode, por não ser utilizada e desenvolvida, atuar como uma entidade autônoma, perturbadora da consciência, "as atividades ocupacionais deverão atender especialmente à função inferior do doente" (ibid) reintegrando-as funcionalmente ao sistema psíquico.

Entendemos, a partir da leitura dos seus trabalhos, que a proposta de confronto feita por Jung, ou seja, a elaboração e a integração dos conteúdos do inconsciente à consciência através de uma postura crítica desta frente àqueles, não é desenvolvida em sua totalidade.

Poder-se-ia alegar que tal trabalho de elaboração de conteúdos só seria possível a partir de uma maior estruturação do ego do paciente. Entretanto, não vimos indícios que demonstrassem a aplicação desta concepção junguiana mesmo nos relatos sobre pacientes que já estabeleciam contatos bastante razoáveis com o meio externo e já se apresentavam com uma maior organização psíquica.

Parece-nos que os conteúdos são vistos como fonte de entendimento mais da dinâmica do inconsciente em si, do que da dinâmica do paciente - o que inferimos da parca investigação sobre as vivências e impressões pessoais do paciente ao produzir

a obra e frente à obra produzida.

Assim, aparentemente, o paciente fica entregue à sorte de sua própria produção, sendo que, apesar da psique lançar mão de símbolos estruturantes que servem para a reorganização da psique, por tratarmos de uma totalidade adoecida (Jung, 1981), o psiquismo também dá origem a produções que expressam a desagregação reinante - o que certamente, sem a elaboração via consciência, ou o que se tem dela, serve como fator de desagregação, pois dá forma (maior concretude) aos fantasmas que antes povoavam apenas o psiquismo do paciente.

No trabalho de construção/reconstrução do ego, paulatinamente devemos fomentar o que lhe é intrínseco, ou seja, a atividade crítica frente aos conteúdos internos e externos. A consciência se utiliza prioritariamente da linguagem verbal; abriremos mão desta, quando já se estabeleceram pontes que a possibilitem, nos deixa no meio do caminho do processo de cura, ou, no mínimo, deixa o paciente temporalmente mais distanciado da cura. Se procuramos por meios menos dilacerantes e mais afetivos de restauração da harmonia psíquica, devemos procurar auxiliar ao paciente no estabelecimento de uma relação dialética entre consciente e inconsciente - bem diferente da relação de dominação do primeiro pelo segundo que vemos na psicose.

Claro que, como estamos falando do trabalho efetuado no espaço de Terapia Ocupacional, não podemos esperar a elaboração dos conteúdos psíquicos que constituem a obra dos pacientes submetidos a tal tratamento. Temos indícios que nos hospitais psiquiátricos, após a árdua luta pela conquista de um lu-

gar para a Terapia Ocupacional, já são travadas lutas por um espaço psicoterápico, onde o psicólogo também centra sua atenção na análise e elaboração do que é produzido e da forma de produção (Pereira, 1976).

## 2 - ARTETERAPIA

De desenvolvimento mais recente, a arteterapia se originou exatamente da conjunção das teorias psicológicas com o ramo da terapia ocupacional que trabalha na linha de desenvolvimento de atividades expressivas (dança, teatro, música, pintura, modelagem). A arteterapia, enquanto técnica, vem apontar para a possibilidade de preenchimento da lacuna para a qual apontamos anteriormente no trabalho de Silveira. Há a proposta de

*"leitura e interpretação dos símbolos e traços característicos que aparecem em determinada produção artística - particularmente no desenho - que aparecem em portadores de distúrbios psicopatológicos."* (Pereira, 1976, contra capa).

A proposta é de uma psicoterapia através da arte. O suposto básico é que através da atividade artística surgem símbolos carregados de afetividade, cunhados no plano inconsciente e que fornecem ao terapeuta material para diagnóstico da condição da psique do paciente e para o trabalho de tomada de consciência. Tal método, segundo Pereira, permite

"ao paciente compartilhar da responsabilidade de sua evolução terapêutica e dela participar mais ativamente." (1976, p. 10).

Em arteterapia se procura auxiliar ao paciente a "co-  
lher seus símbolos na fonte viva das imagens para transformá-los  
em linguagem verbal" (Ibid., p. 28), se procura a reaproxima-  
ção entre "verbo e imagem, imaginação e conceito" (Ibid., p.  
30), ajudando ao paciente a "ser aquele que sente aquilo que  
pensa" (Ibid., p. 30).

Além de por em prática o princípio de realidade (sem o  
qual o processo criativo não culmina numa obra), mesmo de manei  
ra rudimentar, a arteterapia fomenta a utilização da linguagem  
no processo de produção e de elaboração do produzido. Ou seja,  
fomenta a participação da consciência no processo terapêutico.  
A passagem progressiva da comunicação não-verbal para a verbal  
é vista como indicativo de progresso terapêutico, pois somen-  
te a transformação da primeira em signos verbais pode levar à  
modificação dos conteúdos do inconsciente (ibid., p. 114). Não  
se trata, porém, de restringir o símbolo à palavra, pois a ima-  
gem registra com maior amplitude o "inverossímil e o contradi-  
tório" (Ibid., p. 66). A imagem mantém a relação com o misté-  
rio por ser cunhada nas entranhas do inconsciente. A consciên-  
cia diferencia paulatinamente os conteúdos emergentes de tal  
instância. Entretanto, esta é sempre uma diferenciação parcial.

Aqui, a atividade representa a possibilidade de exerci-  
cio da capacidade criadora, sendo que o processo criativo é visu  
to como



"um acontecimento por excelência, que nos envolve até as entranhas, que gera nossos filhos e nossos pensamentos, desperta nosso amor e rege todas as circunstâncias que determinam a história dos indivíduos e dos povos." (Ibid., p. 52).

Concordamos com Pereira quando a autora afirma que a atividade criativa não se dá como "irrupção de impulsos e um capricho ocasional" (Ibid., p. 55), nela há a participação do intelecto, que lhe impõe "controles e exigências de acordo com as leis da estética e da harmonia" (Ibid., p. 55).

A autora situa a atividade criativa também como fator de diferenciação tanto de conteúdos do inconsciente, na consciência, quanto do indivíduo e seu meio: vemos surgir limites mais marcados entre eu e não-eu, e ao mesmo tempo, vemos surgir um novo eu para o indivíduo - "durante o processo de produção artística os pacientes parecem utilizar o objeto da arte para reconstruir uma outra imagem de si mesmos" (Ibid., p. 128).

O resgate da atividade criativa, resgata também a espontaneidade, reaproxima o indivíduo de sua natureza, recoloca o indivíduo em contato com suas raízes, traz de volta o contato com a sua própria intimidade.

Pereira (Ibid., p. 67-68) especifica cinco vantagens do uso da arte no processo psicoterápico:

- 1) "este oferece uma baixa resistência nítida por parte da maioria dos pacientes. Sendo o simbolismo do

desenho mais vago, há possibilidade de se aproximar do conteúdo a interpretar de modo mais delicado e gradativo. Em pacientes narcisistas extremamente vulneráveis, no autismo e em estados paranóides agudos, isso pode ser útil para iniciar uma aliança terapêutica proveitosa onde, em outro setting, seria impraticável.

"A objetivação da imagem, permite ao paciente viver a interpretação de modo menos persecutório, pois se sente associado ao terapeuta, no processo de interpretação. É um recurso que lhe permite vivenciar suas 'partes psicóticas' na terceira pessoa até que possa evoluir para uma situação mais tolerável.

- 2) "Há uma afloração imediata e impressionante de material inconsciente profundo logo nos primeiros dese  
nhos, assim como de vivências que nunca foram regis  
tradas em nível verbal. O desenho traz à tona im  
pressões ou traumas afetivos globais, por vezes ain  
da percepções muito tênues, precocemente reprimidas que se referem a períodos em que a criança não tí  
nha meios verbais de elaborá-las. Há uma censura fa  
miliar e social muito forte que proíbe certos temas de serem mencionados, mesmo no ambiente anaxiótico. O temor de incesto, o traumatismo sexual e violento por estranhos são alguns. No entanto são de ocorrên  
cia mais frequente que o suposto.

- 3) "O desenho da família revela as identificações das pessoas da família do paciente de modo muito incisivo, mesmo quando este é criança. Revela ainda os distúrbios de 'imagem corporal' ligados aos problemas de identidade.
- 4) "O uso da arte e do desenho, como vimos, estimula a sublimação e o controle dos impulsos quando se trata de pacientes com a tendência à atuação, a atos anti-sociais e a vivências depressivas intensas. Permite a expressão dos estados de marasmo, carência afetiva, medo, pânico, solidão, sem exigir conceitualização imediata dos mesmos. Já é frequentemente valioso conseguir um consenso do que o paciente está sentindo; as palavras virão depois, e geralmente muito mais rapidamente.
- 5) "O simples fato de fazer uso de símbolos e arquétipos é igualmente considerado terapêutico do ponto de vista da psicoterapia atual. É o mesmo traço da psicoterapia pelo 'sonho acordado dirigido' elaborado por Robert Desoille, e das técnicas de meditação atualmente pesquisadas em outros países. Parece que há em nós uma reserva natural de 'arquétipos reestruturantes' que todas essas terapias procuram utilizar. Isso requer naturalmente uma compreensão maior e mais vasta da simbologia e dos símbolos do inconsciente coletivo."

A nosso ver através do confronto com a imagem produzida e com a elaboração dos conteúdos carregados por tal imagem, o paciente percebe mais claramente o que estava até então dissociado da consciência. Assim temos, com a arteterapia, mais um recurso de restabelecimento da "Aurea Catena"<sup>1</sup> entre consciente e inconsciente. De reconhecimento, pelo indivíduo, de uma outra instância de sua psique, com a qual deve estabelecer contato para que esta não se reverta em um inimigo poderoso. Interessante que para Pereira parece não ficar clara esta condição de inteireza para a qual aponta Jung (1981). A transformação da atividade onírica dos seus pacientes (os sonhos se tornam menos ameaçadores e o sono é mais tranqüilo), que para nós se constitui em indício de uma relação mais harmônica entre inconsciente e consciente, não chega a ser efetivamente relacionada com o incentivo da atividade criativa pela autora.

Como já dissemos anteriormente, Pereira analisa a aproximação entre os sistemas teóricos da Psicologia e a atividade criativa que tem lugar na arteterapia. Em sua abordagem, a autora situa a elaboração com base em um sistema teórico como uma necessidade, sem entretanto restringir esta escolha a um sistema específico. A interpretação dos conteúdos depende da linha teórica do terapeuta, o que em si não desmerece o método. Pelo contrário, o torna mais flexível em sua utilização.

---

(1) *O fio de ouro que faz a ligação do plano terrestre com o plano divino* "Símbolo de elos e relações entre o céu e a terra e, de modo geral, entre dois extremos ou dois seres" ... "Esse cordão astral, também chamado de corda astral, tem por função unir o espírito à psique, ou seja, o nous (ou razão) à alma (anima-animus)." (Chevalier e Gheerbrant, 1989, p. 292).

Discordamos, porém, com a tendência, que a postura de Pereira exemplifica, em fazer com que os sistemas psicológicos de interpretação dos conteúdos que aparecem na produção de pacientes em terapia sejam aplicados indiscriminadamente ao processo de criação da obra artística propriamente dita e ao artista.

A nosso ver, como Jung (1985), o artista possui uma relação toda especial com a função criadora, que é, por sua vez, inerente a todo o ser humano. Para qualquer ser humano, o afastamento desta função é que é um sinal de patologia (a tendência à repetição apresentada pelo neurótico e a sua falta de criatividade existencial são notórios). Da mesma forma como não atribuímos valor artístico à produção de pacientes psicóticos, ou até neuróticos, em que os temas expressos estão restrita e repetitivamente ligados aos conflitos e aos aspectos de dissociação (em maior ou menor grau) de personalidade, não nos parece nem justo nem ético atribuir à produção artística valor de patologia. Kneller (1981), aponta para o fato de que o potencial existente em todo o ser humano pode não se realizar devido à impossibilidade de expressão, devido ao malôgro no desenho criativo. A limitação da criatividade é que é vista como um sinal de perturbação do sistema, e não vive-versa.

Evidentemente que na obra do artista vão estar pontuados aspectos de sua personalidade, de sua dinâmica interna. Entretanto, tentar explicar o processo criativo por um processo de "*psicose transitória*", com acentuados componentes narcísicos, que tem no processo de sublimação dos impulsos sexuais a sua fonte energética, e tentar situar o artista como o produto de uma relação mãe-filho do tipo Jocastiana (de superproteção e alta exi

gência por parte da mãe em relação ao filho) nos parece um reducionismo empobrecedor e perigoso. Este reducionismo aponta para a tendência dos nossos dias em ver o ser humano apenas como um "*perverso polímorfo*".

Não devemos nos esquecer que o saber psicológico foi construído através de tentativas de intervenção em indivíduos que haviam desenvolvido processos patológicos. O nosso conhecimento adquirido em consultórios e hospitais psiquiátricos não nos habilita, até o presente momento (em que a maioria das pessoas que procuram os nossos serviços o fazem por serem portadoras de alguma espécie de sofrimento ou desajustamento), fazermos grandes inferências sobre o ser humano em sua totalidade. Não se trata de vermos a natureza humana como o depósito da mais pura bondade, mas também não podemos nos deixar seduzir pela idéia que o ser humano é, em sua totalidade, o lar da malda de. O indivíduo congrega em si o bem e o mal, ou melhor, congrega em si vários opostos, e sua riqueza está exatamente nisso. Patologia e unilateralidade caminham lado a lado. Saúde e integração de opostos também.

Alguns podem alegar que, afinal, a personalidade do artista geralmente é um tanto estranha e que, na análise da vida dos mesmos, chegam-se a identificar distúrbios sérios. Porém, primeiramente, cabe-nos relembrar o que dissemos anteriormente: a ligação do artista com o inconsciente é especial. Não nos surpreenderíamos em encontrar como motivo latente nos discursos que tentam reduzi-lo à uma estrutura patológica de personalidade, sentimentos de estranheza (por fugirem à normalidade estatística) e mesmo de ressentimento frente ao dom artístico. Deve

mos estar atentos à eterna luta entre Júpiter e Saturno, entre o novo e o já estabelecido, que arquetipicamente impregna as vivências do ser humano. A tendência inconsciente a considerarmos o novo e o diferente como nocivos não deve contaminar a nossa compreensão do processo criativo, que por definição se põe a serviço de ambos (Kneller, 1971).

Em segundo lugar, como a maioria esmagadora das pessoas classificadas como esquizofrênicas, portadoras de mal epilêptico, presas a componentes basicamente narcísicos, oriundas de famílias em que a mãe é superprotetora e o pai é uma figura apagada, não é capaz de produzir obras da genialidade das produções de Van Gogh, de Leonardo da Vinci ou Fernando Pessoa (para citar alguns artistas consagrados que freqüentemente são "vítimas" de interpretações reducionistas), parece-nos muito frágil a ponte que se tenta estabelecer entre patologia e criatividade. Mesmo a alegação de que a criatividade representa, não a expressão da patologia, mas o recurso utilizado pelo psiquismo para se salvar do processo mórbido, ainda restringe a criatividade à esfera do patológico. O indivíduo sadio psiquicamente não gasta seu tempo e suas energias para se manter afastado da doença, ele usa esta energia e seus potenciais para entrar em relação com o mundo, com os outros de sua comunidade e com os seus conteúdos internos, que, paulatinamente, são diferenciados e passam a ampliar a consciência.

Kneller, ao falar sobre as tendências da psicanálise moderna mostra que esta já não considera a pessoa criativa como desajustada emocionalmente:

"Pelo contrário, afirma, aquela pessoa deve ter um ego tão flexível e seguro que lhe permita viajar pelo seu inconsciente e retornar a salvo com suas descobertas. A pessoa criativa não é dominada pelas produções de seu inconsciente; usa-as, isto sim. Ela pode regredir precisamente porque sabe que pode tornar a realidade. É sabido que muitas pessoas emocionalmente perturbadas que são tidas em grande conta de criativas, recusam a terapêutica, pelo temor de que esta lhes mate a criatividade, resolvendo-lhes os problemas emocionais. A isso o moderno psicanalista retruca que tais pessoas criam a despeito de suas neuroses, e não por causa delas. O que conseguem criar fica sempre aquém do que atingiriam se fossem mentalmente sãs." (Ibid., p. 45).

Para este autor a pessoa mais criativa também é mais consciente e compromissada na busca da realização de suas potencialidades. No caso do artista, em que o potencial criativo vai além do potencial do homem médio, ele afirma:

"A extrema sensibilidade do artista e sua tendência pa-  
ra forçar ao extremo a própria natureza são a prova su  
prema de sua sanidade." (Ibid., p. 34).

Os distúrbios de personalidade apresentados por artis-  
tas podem estar inclusive relacionados com o fato de que ao mes  
mo tempo que o artista sente uma forte necessidade de comparti-  
lhar com o mundo suas obras, raramente ele é compreendido em  
sua época. Ou ele retrata os aspectos específicos do inconsci-



ente de sua própria época, num movimento compensatório (o que está no inconsciente da comunidade é trazido para integração pelo artista) ou ele vai além das possibilidades de entendimento de sua própria época por ir além da apresentação do negativo da consciência reinante, sendo o arauto do novo a nível de humanidade. A sensibilidade do artista geralmente é "premiada" com o isolamento pela grande massa. Não são raros os relatos de artistas que tomam por uma espécie de castigo dos céus o seu próprio dom. Se vimos que o artista investe grande parte de suas energias na realização de sua própria natureza, como lhe é possível viver tranquilamente em meio a pessoas que abriram mão de serem elas mesmas para serem o que a sociedade esperava delas? Em determinados momentos, quantas vezes não chegamos à amaldiçoar a consciência mais ampla, conquistada através do árduo trabalho de autoconhecimento, posto que ela nos põe diferencia dos, diante da solidão mais profunda, diante da compreensão de não mais "nadarmos em um cardume". Imaginemos a solidão do artista que, no que diz respeito ao distanciamento da grande massa, está muito além do que aquele que se encontra em um processo de desenvolvimento pessoal. Não queremos também colocar a personalidade do artista em um nível qualitativamente acima de quem está no caminho de individuação. Ele está em um nível qua litativa e subjetivamente diferente.

O conhecimento da vida do artista pode ampliar parcial mente a compreensão de sua obra, entretanto, a obra de arte não precisa de "notas de rodapé", de explicações detalhadas. Ela nos incomoda, nos comove, nos ilumina, nos remete a mundos ou tros, por si mesma. Sua compreensão depende mais de nossa aber

tura interna para a criatividade (própria e alheia) do que da qualidade de informações de que dispomos.

Ainda quanto à obra de arte, ela pode, porém, nos fazer entrar em contato com temas de importância para a humanidade; pode nos falar sobre as paixões humanas em seus matizes mais sutis; pode nos falar dos caminhos que levam ao desenvolvimento da consciência e dos caminhos por onde esta se perde; pode nos remeter à reavaliação do nosso passado, ao questionamento do presente, ou mesmo pode nos apontar os caminhos do futuro.

Um outro ponto a ser analisado no questionamento das interpretações feitas sobre o artista e sua obra é o aspecto ético. No espaço psicoterápico qualquer interpretação proveniente do terapeuta/analista não possui valor de verdade absoluta, ou seja, é sempre instrumento de elaboração do paciente e não de informação e constatação cognitiva de seu estado. Na formulação da hipótese utilizamos nosso conhecimento teórico sobre as pessoas que se encontram em estado semelhante ao de nosso paciente, em somatório com que o paciente, enquanto particularidade, nos apresenta. Entretanto, o que temos de conhecimento sobre a generalidade nos fornece pistas para a compreensão do indivíduo, não certezas. Do mesmo modo, o paciente nos oferece pistas sobre a sua dinâmica, estas porém nos falam de tendências e de possibilidades de escolhas, nada mais que isso. No convívio com o paciente, podemos formular hipóteses que estão mais próximas de expressar o sentido de um sonho ou outra qualquer produção que seja trazida ao espaço psicoterápico, mas ainda assim devemos nos por na posição de alguém que está fora do

sistema analisado, e, portanto, que está sempre em desvantagem frente ao acesso à totalidade (esta desvantagem se torna flagrante quando lidamos com pacientes que já desenvolveram a capacidade de relacionar dialéticamente consciente e inconsciente, já desenvolveram a atitude crítica antes desempenhada pelo terapeuta). Nesse momento podemos falar de um rico encontro entre duas individualidades, da troca entre dois universos distintos. Para o terapeuta estes são momentos que lhe possibilitam o retorno (em caso de um "desvio de rota") à sua própria condição de humanidade.

Quando analisamos a personalidade de um artista ou interpretamos sua obra segundo o que consideramos como sinais de patologia ou saúde a partir da história do criador, nos pomos na posição arriscada de sermos donos da verdade de um outro que sequer pode nos apresentar a sua verdade, aquilo que ele sente como ele mesmo.

A obra do artista, assim como a produção de um cientista tanto contém indícios sobre as mãos que lhes dão origem quanto vão muito além destas mesmas mãos. O fato de que Freud tinha esta ou aquela relação com a sua mãe e ter nascido e crescido em um contexto de extrema repressão da sexualidade, ou o fato de Adler ter tido problemas por sua frágil constituição física, nos mostra que na obra de cada pessoa vai estar incluída a sua visão de mundo e o seu conjunto de experiências, que qualquer sistema teórico-prático desenvolvido vai estar tratando de determinados aspectos selecionados do campo de estudo por uma personalidade particular. Mas como negarmos a riqueza das contribuições Freudianas ou Adlerianas ao saber psicológico? Como ad-

verte Jung (1981), toda a produção guarda laços estreitos com quem lhe gesta, mas assim como a árvore é mais que o solo onde nasce e é diferente da semente que a origina, também a obra transcende o autor.

A arteterapia se nos apresenta como um recurso de desenvolvimento da consciência e do restabelecimento do eixo ego-self, com o emprego da atividade criativa. Ela inclui no espaço de produção a atitude de meditação, para empregar um termo muito repetido por Pereira.

Neste ponto de nosso trabalho fazemos a passagem para os estudos sobre a questão da atividade que foram desenvolvidos prioritariamente fora dos circuitos psiquiátricos. A arte terapia se põe na fronteira entre a metodologia aplicada em instituições e o que se desenvolve fora destas. Não apenas as teorias psicológicas se fazem presentes na compreensão do que é produzido e da dinâmica do paciente. Há a intervenção do terapeuta no processo, como a figura que trabalha em conjunto com o paciente para a integração à consciência de conteúdos inconscientes que aparecem na produção deste. Além disso, a arteterapia se constitui tanto como um recurso de desenvolvimento da função criativa e de acesso ao inconsciente por excelência, quanto como um dos recursos que podem ser utilizados pelo terapeuta. Ou seja, a arteterapia tem seu lugar em oficinas de arteterapia dentro de hospitais psiquiátricos, em oficinas desvinculadas de hospitais e em consultório, nos quais o terapeuta pode utilizá-la como principal recurso ou como recurso alternativo (de acordo com o paciente ou com o momento do processo terapêutico dos pacientes).

## CAPITULO II:

### A PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA DINÂMICA

"Minha vida é a história de um inconsciente que se realizou. Tudo o que nele repousa aspira a tornar-se acontecimento, e a personalidade, por seu lado, quer evoluir a partir de suas condições inconscientes e experimentar-se como totalidade." (Jung, 1967, p. 19).

## 1 - PSICANÁLISE

A atividade não faz parte originariamente do setting psicanalítico. Tanto para Freud, que a introduziu, quanto para a maioria dos profissionais que com ela trabalham, esta técnica compreende a análise do discurso, ou melhor, a análise minuciosa dos conteúdos manifestos do comportamento e do discurso do paciente para a identificação dos conteúdos latentes destes. Esta análise é feita através do discurso, utilizando a linguagem verbal, diferenciadora entre Humanos e o mundo da Natureza.

Mesmo o material não-verbal (como por exemplo os sintomas históricos de paralisia de membros, cegueira, desmaios, ou como o acting-out) é trabalhado através do discurso. O psicanalista promove uma hermenêutica de segundo grau: os sintomas neuróticos são analisados e através desta análise chega-se à interpretação dos motivos inconscientes que lhes deram origem.

Na ótica freudiana, estes motivos se agrupam basicamente em torno dos impulsos sexuais e correlatamente, dos conflitos originados do confronto entre a necessidade de satisfação destes impulsos e as restrições socialmente estabelecidas quanto à sua satisfação ou expressão.

Estes impulsos poderiam fazer parte da consciência não fossem as restrições sociais a eles impostas. O material inconsciente se constitui, então, de conteúdos rejeitados da consciência por não serem compatíveis com o que socialmente se estabelece em termos de conduta com o próprio corpo e com os ou-

ros seres da comunidade a qual o indivíduo pertence.

O acesso a estes conteúdos expurgados da consciência é conseguido através da técnica de regressão topográfica, no qual o paciente é levado a mergulhar paulatinamente no seu passado em busca das experiências que ofereçam pistas ao analista sobre a dinâmica da neurose instaurada. O analista tem seu acesso ao inconsciente do paciente através de outro valioso recurso, a análise dos sonhos. Na ótica da psicanálise, estes se constituem a partir de produções do inconsciente, que, entretanto, são trazidos à consciência já adulterados. Ou seja, os sonhos se apresentam como disfarces dos conteúdos inconscientes que buscam um canal de liberação. Os mecanismos básicos de produção dos sonhos são a condensação e o deslocamento. Assim, aquilo que chega à mente humana como imagem onírica, não é mais o material de origem em estado bruto, mas o resultado do confronto entre este material e as instâncias que filtram e controlam a sua passagem para a consciência. A condensação e o deslocamento servem tanto ao inconsciente, possibilitando-lhe a via por onde seus conteúdos sejam canalizados, quanto às instâncias da consciência, protegendo-lhes da constatação direta da existência de impulsos incompatíveis com a auto-imagem e com a imagem socialmente construída.

Segundo a teoria freudiana, consciente e inconsciente estão em constante confronto. A saída não neurótica para tal conflito se faz tanto a partir do conhecimento dos impulsos subjacentes às ações, a partir da compreensão dos determinismos inconscientes, quanto através da transformação da energia dos impulsos instintivos (basicamente sexuais, como dissemos anterior

mente) em energia canalizável para atividades socialmente aceitas (reconduzindo a pessoa à comunidade humana). A este processo de redimensionamento e redirecionamento da energia inconsciente, Freud denominou sublimação. O trabalho e a arte são vistos sob este prisma, ou seja, são considerados como vias socialmente aceitas de escoamento (descarga) da energia excessiva, e por conseguinte desequilibradora, do psiquismo.

A criatividade não é uma função em si mesma: por um lado ela é dependente da energia gerada a partir do conflito básico entre instintos e meio (representado internamente pelo superego), por outro, se constitui como capacidade de canalização dessa energia, capacidade esta regida pelo princípio do prazer (favorecendo a descarga e restabelecendo o equilíbrio do sistema).

Para Freud (1973b) a arte é uma atividade que se presta à mitigação de desejos insatisfeitos tanto para o artista quanto para o espectador. A arte é vista como uma via de descarga da energia acumulada no psiquismo pela impossibilidade de satisfação dos instintos em sua totalidade. A satisfação pela arte substitui e compensa a necessidade de satisfação sexual primitiva.

A arte expressa não o material bruto proveniente do inconsciente, mas este material já trabalhado pelo ego, como o que ocorre no caso do sonho. O disfarce, no caso da arte, se dá através da estética. As formas esteticamente belas desviam a atenção do ego e assim, a descarga de energia acumulada é possível.



A estética aqui também está referenciada à um recurso que tem suas origens na infância, ou seja, ao recurso de "faz-de-conta" utilizado nos jogos infantis, nos quais a realização dos desejos ainda é possível. Para a Psicanálise, a arte é, então, como bem sinaliza Rosa (1980), um domínio intermediário entre a realidade (que nega a satisfação de desejos) e a fantasia (que proporciona esta satisfação).

Como nos sonhos, a produção artística, apesar de sob disfarce, se presta à projeção dos desejos inconscientes e de toda a gama de conteúdos reprimidos pela consciência. O artista expressa em sua obra o conhecimento que tem de seus conteúdos inconscientes. Trata-se, porém, de um conhecimento endopsíquico, à sombra; nem totalmente consciente, nem totalmente expurgado da consciência.

A linguagem artística é uma linguagem emocional, ou melhor, através dela os afetos encontram uma via de comunicação (quando a agitação confusa que vem do interior do artista é transformada em imagem). Também através dela as experiências dolorosas são superadas, quando elas são projetadas sobre a obra ou quando o artista cria para si uma realidade mais satisfatória.

Pela arte, o ego pode, então, ter acesso às camadas mais profundas do inconsciente sem se deixar dominar por seus conteúdos, sem que haja perda de controle. Assim, a arte tem, além da função de descarga de energia acumulada, pelo de se aprende do que já expomos, a função de ser agente de conscientização. A conscientização proporciona, em consequência, trans

formação pelo esclarecimento. Isto ocorre na esfera pessoal e na esfera social, posto que a arte "*renova por conscientizar através da linguagem emocional.*" (Rosa, 1980, p. 21).

Para Freud, porém, a arte, além de ser um agente de conscientização do material reprimido, paradoxalmente, por ser uma via socialmente aceita de canalização da energia instintiva, também é instrumento de alienação: ao buscar formas artísticas de expressar seus impulsos reprimidos ou por refugiar-se em seu próprio mundo criado, o artista deixa de atuar diretamente sua insatisfação, não se pondo especificamente contra a sociedade, mas a parte desta.

Apesar das incursões de Freud no campo da arte<sup>1</sup>, explicando sua produção pela dinâmica que se instaura entre as principais instâncias da psique (Id, Ego e Superego) e identificando os conteúdos de acordo com o seu sistema de interpretações (desejos incestuosos, de destruição de figuras parentais, etc.), são nas recentes transformações no sistema psicanalítico que vemos as discussões mais aprimoradas sobre a utilização da atividade artística como recurso da análise. A maior parte das contribuições referem-se ao fomento das funções da arte especificadas por Freud. Outras vão um pouco além, como é o caso de Pereira (1976) e Rosa (1980). Ambas afirmam que a arte não está apenas voltada para o princípio do prazer, posto que através dela o princípio de realidade também é desenvolvido: o artista não se deixa simplesmente tomar pelos conteúdos inconscientes, estes são trabalhados pelo ego, que busca tecnicamente os meios que melhor os expressem e que os tornem comunicáveis

---

(1) Ver como exemplo, o ensaio de 1910 de Freud, sobre Leonardo da Vinci (1973a).

aos outros de seu tempo. O ego não é dominado pelas forças inconscientes, ele se abre a elas (e nisto está sua condição de força) e as utiliza.

O contato com os materiais, o fazer arte, propicia tam bém a diferenciação entre o "eu" e a realidade externa.

No caso do paciente neurótico, a produção artística (pe lo exercício de atividades expressivas): o propicia a catarse da energia excedente; se coloca como uma das vias de sublimação desta energia (o que promove bem estar emocional); o auxilia na identificação dos motivos inconscientes projetados na obra, o que amplia a consciência e portanto fortalece o ego; o auxilia no contato do indivíduo com o mundo real, social ou materialmen te constituído.

Segundo a contribuição de Melanie Klein (1970), a atividade artística se constitui, como ocorre no brincar da crian ça, como um processo de elaboração da ansiedade de ser abando nado ou destruído. Isto se dá através da tentativa de eterniza ção do "objeto bom" (os aspectos positivos, nutrientes e prote tores, identificados na mãe), e através da tentativa de repara ção dos objetos internos, dos danos reais ou imaginários pelos quais há suposição de responsabilidade (1971).

Um outro ponto importante da visão psicanalítica sobre este assunto é o que desenvolve Rosa (1980):

*"a arte é resultante da função do ego de restabelecer o equilíbrio psíquico do indivíduo. Ele tenta manter*

*sua formação de compromisso entre o Id (as forças sexuais reprimidas) e o superego (internalizado a partir das restrições sociais)." (p. 20).*

No caso do paciente psicótico, segundo sua tese, este compromisso está rompido e as forças instintivas dominam o ego cindido. A psique sucumbe às exigências do Id. Em suas obras não se observa a preocupação com critérios de beleza ou estética. Observa-se, sim, um distanciamento da realidade. A obra é constituída por projeções diretas de suas idéias delirantes e de suas vivências internas.

Através de atividades expressivas, então, se procura concomitantemente, o restabelecimento da formação de compromisso entre id e superego que foi rompida, e o restabelecimento do contato do paciente com a realidade.

Mais arrojada, parece-nos a posição de Fiorini e Peyrú (1978), que propõem uma série de reorganizações na técnica psicanalítica, baseados principalmente na constatação da existência de outros códigos e canais de comunicação além da linguagem, e da utilização destes outros canais no processo de análise. O próprio papel do analista é questionado. Eles rompem com a atitude de neutralidade proposta por Freud e com o dogma Freudiano da necessidade do estabelecimento da neurose de transferência para que ocorra o processo analítico. Para eles, a saída da neurose é possível com a quebra do mecanismo de repetição, que continua ativo na relação transferencial. A proposta é que, ao se por como pessoa, o analista oferece a possibilidade ao paciente de

construir um "vínculo diferencial ('não-transferencial', ou temporário e relativamente livre de distorções devidas a transferências)." (p. 13).

Na experiência de encontro, o analista

*"intervem, não se opõe ao ato, compreende-o entrando no movimento de ação, aprende a partir dos signos que ajuda a expressar, num vínculo que ajuda a produzir. Valoriza o ato, interroga-o, nutre-se dele, responde ao fato de que frequentemente 'nossos atos nos precedem' (St John Perse)." (Ibid., p. 64).*

Este encontro constitui-se como singularidade pela "pluralidade de canais de comunicação e de códigos que faz intervir". Os recursos considerados na interação são, além dos recursos verbais, "os corporais (envolvendo certas posturas), espaciais (distâncias, proximidades, estados de coisas), tons, climas, ritmos." (Ibid., p. 65).

A atividade aqui relaciona-se com a utilização destes outros canais como vias de contato com o paciente, como outros aspectos do mesmo que possibilitam a compreensão da dinâmica do seu psiquismo e como vias pelas quais podem ocorrer aprendizagens novas: O terapeuta modifica sua atitude frente ao paciente, ele se põe como um agente de transformação, de retificação. No caso, a conduta diferenciada abre espaço para condutas diferenciadas por parte do paciente. A experiência, como um todo é considerada como fomentadora de aprendizagem, como possibii

litadora de transformação.

Na ênfase na diferenciação está embutido o princípio de criatividade aplicados ao processo terapêutico:

*"Este princípio condensa toda uma orientação estratégica, aquela que concebe que uma terapia não está dada só para corrigir o alterado ou para tornar consciente o inconsciente, mas para produzir, a partir dessas tarefas, algo diferente, para acrescentar desenvolvimentos, para criar novos conteúdos positivos em um mundo que chega impregnado de carência, morte e negativismo."* (Fiorini, 1978, p. 66).

Ao proporem este princípio de criatividade para o processo terapêutico, eles acabam, a nosso ver, por propor uma visão mais abrangente de criatividade que a proposta por Freud. A criatividade é vista como uma forma de construção do novo e não apenas como um recurso de expressão do antigo (o recalcado). Os autores se aproximam, então, de autores como Fromm (1962), Kneller (1971) e do próprio Jung (1985), que vêem a criatividade como uma função à parte.

Um outro aspecto que consideramos ser importante fator de renovação na teoria psicanalítica, é o que os autores propõem em termos de necessidade (subentendida) da pessoa estar em comunicação com o meio, colocando-se a criatividade como auxiliar no estabelecimento dessa comunicação, um instrumento para o estabelecimento da comunicação.

## 2 - PSICODRAMA

Para Moreno (1975), o ego se constitui a partir da execução de papéis. Estes delimitam-se em ordem crescente de complexidade como papéis psicossomáticos, papéis psicodramáticos e papéis sociais. O autor considera que a execução destes papéis pode ser feita com menor ou maior grau de espontaneidade.

Faz-se necessário o resgate do verdadeiro eu que se esconde atrás dos papéis desempenhados, o que se faz através do resgate da espontaneidade<sup>1</sup> da qual a pessoa se afasta em função da representação dos papéis sociais e em função dos valores e padrões introjetados ou desenvolvidos por condicionamento. Não se trata de deixar a pessoa à mercê dos instintos, sendo regida pelo princípio do prazer. Trata-se do desenvolvimento do princípio de realidade, da capacidade de discriminação das variáveis de uma situação, sem se estar preso à fatores e formas de reação previamente estabelecidas: a capacidade de agir no aqui e agora. Desenvolve-se a receptividade de comunicação recíproca, oposta à de transferência<sup>2</sup>.

O que é proposto no psicodrama é a busca de uma verdade relacional de cada um através de uma psicoterapia interpessoal, sendo que é através da ação, da dramatização, que esse

---

(1) Capacidade criativa de elaboração de uma resposta a uma situação nova ou de elaboração de uma nova resposta a uma situação antiga (Moreno, 1975, p. 101).

(2) O contato com o outro a partir de padrões passados associados a figuras significativas para a pessoa (como as figuras parentais).

processo se torna, no ver do psicodramatista, mais efetivo.

Como esclarece Weil (1978), o psicodrama tem por objetivo:

*"tratar problemas de interrelação pessoal e de comunicações através do uso de recursos teatrais. É uma técnica terapêutica quando aplicada a doentes nervosos; pode também ser uma técnica educacional quando usada para preparar adultos no sentido de um melhor relacionamento com outrem." (XVI).*

Através da atividade da representação de cenas, que são montadas com o auxílio do terapeuta, de ego-auxiliares e/ou de membros do grupo terapêutico, mas a partir da problemática do protagonista segundo suas indicações sobre a disposição de personagens (localização, postura, comportamentos) e sobre a estruturação do ambiente, por um lado, e através da análise do processo de encenação, incluindo o que nela ocorre (interações, os sentimentos experimentados pelos protagonista e personagens); o indivíduo pode mudar sua atitude, se tornar mais livre, mais ele mesmo, além de aprimorar a sua comunicação com o mundo.

Moreno (1975) vê na ação da dramatização uma função catártica (que possui também caráter de purificação), que torna possível o resgate do indivíduo do efeito traumático de um episódio vivido.

A ação analisada compreende aspectos tanto de comunicação verbal quanto de não verbal: "posturas, gestos, movimen-



*tos do corpo, em suma, toda a espécie de Expressão Corporal."*  
(Weil, 1978, p. 31).

Há a ampliação do conceito de linguagem, posto que se considera que o nível simbólico da existência se expressa de várias maneiras por vários significantes, sendo que cabe à terapia adequar a função da barra na relação  $Se/So^1$ , ou seja, facilitar o processo de significar o que diz e dizer que o significa. No caso, o cliente é quem detem o significado.

Assim, no ver de Nazareth (1978), o processo terapêutico, quando utiliza plenamente os recursos da linguagem:

*"amplia o conjunto de significantes do cliente; torna disponível uma gama de escolhas variadas para que ele lance mão do discurso que facilita o seu modo de lidar com os próprios conflitos. Regenera-se uma como que 'afasia': vivências que não se expressam porque não encontram a via expressiva adequada. Ou, ao contrário, o discurso não 'diz' realmente, é vazio de significado; a palavra tolhe a pessoa em lugar de ser usada por ela." (p. 50).*

Apesar de ter como base o aqui e agora, o psicodrama também se propõe ao resgate de emoções passadas (que são, porém, vivenciadas no presente), através da utilização de técnicas regressivas ou a partir do estabelecimento de relações en-

---

(1) Significante/Significado.

tre emoções presentificadas na encenação e as vivências passadas.

A atividade está integrada em um continuum composto de três fases: o aquecimento, etapa de desenvolvimento de uma clima de relaxamento e receptividade, no qual se faz a escolha do tema e do protagonista da dramatização; a ação, na qual o diretor-terapeuta cede lugar ao protagonista, que passa a dirigir, definir os personagens, especificando suas atitudes e comportamentos, e vivenciar a cena por ele montada; a avaliação, que inclui a participação do grupo e "feed-back", sendo que nessa fase o debate é aberto ao grupo - há a análise dos sentimentos e emoções comunicados durante a encenação do protagonista, pelo protagonista e pelo grupo: como os membros perceberam a ação do protagonista e como a encenação repercutiu nesses membros.

A fundamentação de Moreno é frequentemente criticada por tentar situar ao nível da atividade puramente consciente processos que correspondem, em termos aplicativos, a um desrecalcamento de conteúdos possivelmente reprimidos. Quer se trate de simples catarse, quer esteja havendo elaboração e integração desses aspectos possivelmente latentes, na prática a técnica do psicodrama tem sido por vezes utilizada em acoplamento com uma perspectiva psicanalítica obtendo-se, assim, a miudo, mais clara indicação das dinâmicas trabalhadas.

Em última análise, por motivos claramente evidenciados em seus históricos, Moreno (1962, Intr.) acabou rejeitando um arcabouço que poderia ter enriquecido sua plataforma teórica.

### 3 - GESTALT TERAPIA

Para a gestalt-terapia o crescimento de uma pessoa se dá no sentido da passagem de um estado de totalidade indiferenciada, para um estado de diferenciação. A experiência interna se diferencia, a pessoa discrimina emoções, ações, pensamentos. Juntamente com a capacidade de diferenciação é preciso que se desenvolva a capacidade de integração. Com a integração a pessoa torna possível o viver congruente, ao mesmo tempo autônomo no exercício de si mesmo e em interação com o meio - usa as "*suas habilidades para conseguir aquilo que quer do meio em que vive.*" (Tobin, 1977, p. 181).

No confronto com o meio, o processo de diferenciação, pode tornar-se um processo de divisão, onde a pessoa, pela dificuldade de integração, pode deixar de viver para si própria para viver contra si mesma.

O retorno à diferenciação e a eliminação da divisão se dá pelo resgate dos sentimentos e sentidos, através da experiência, posto que estes são os aspectos mais próximos da natureza traída, como enfatiza Tobin:

*"a única coisa em que você pode basear sua existência além da esperança, além do pensar; é no seu organismo: seus olhos, seus ouvidos, seu funcionamento corporal, suas ações."* (Ibid., p. 196).

O organismo é mais confiável que os juízos e as teo-

rias auto-definidoras.

Pelo experienciar, e pelo que aparece no aqui e agora da interação com o mundo, se chega ao contato mais efetivo e rico tanto com o externo quanto com o interno.

Não se procura apenas o experienciar, parte-se do presuposto que o neurótico repete em função da necessidade de resolução de uma situação inacabada. Segundo Perls (1977):

*"o conflito, a situação inacabada, é em si um apelo pa*  
*ra a resolução"...*

*sendo que*

*"a terapia faz com que o indivíduo deixe de repetir de*  
*forma morta e chegue a um novo conflito criativo que*  
*convida ao crescimento, à mudança, ao excitamento, à*  
*aventura de viver." (p. 104).*

Trabalha-se no sentido do ser consciente, do sentido existencial do viver e no sentido do assumir a responsabilidade por esse viver. A responsabilidade é definida como a liberdade de optar entre várias maneiras de responder a uma dada situação, sem se procurar escolher em função dos 'deverias' sociais, mas em função das necessidades próprias.

A possibilidade da pessoa identificar as opções numa situação depende da capacidade da percepção das próprias necessidades (no que, quando se está dividido, perde-se a precisão) e de percepção dos fatores envolvidos na situação em questão: a perda do contato com o real se dá, prioritariamente, em função

de fantasias e apriorismos - como julgamentos e preconceitos - aos quais a pessoa se mantém atrelada.

Assim, a ênfase está no aqui e agora, onde as percepções podem ser checadas e questionadas, onde a pessoa se conscientiza não do porque de suas ações, mas principalmente, do para que destas ações - lembremo-nos que em gestalt-terapia se busca o significado existencial dos comportamentos.

Além da comunicação verbal, aqui também é considerada a comunicação não-verbal dos gestos, das posturas, dos tons de voz, dos ritmos. A atenção do terapeuta desloca-se do conteúdo do discurso para a forma como a pessoa traz esse discurso. É mais importante que a pessoa compreenda as suas formas de ser e o quanto estas formas são congruentes ou incongruentes com o seu eu verdadeiro, posto que a mudança ocorre no âmbito da forma de lidar consigo mesmo e com os outros, e não em função do resgate de causalidades: somente a descoberta do porque se age de tal ou qual maneira não favorece a mudança, a percepção do como e do para que a ação se realiza faz com que, em sendo tais formas ineficientes, sejam buscadas novas possibilidades de ação.

A exteriorização favorece o aprimoramento da percepção, refere-se ao atuar deliberado, no qual a pessoa constantemente é solicitada a se conscientizar do que está fazendo e vivendo e do como o está fazendo. Em gestalt terapia, vários tipos de atividade são utilizadas no sentido do resgate do eu verdadeiro. De todas elas, do sonho à representação por desenhos, dramatizações e outras, se tenta resgatar o sentido existencial, que é

elaborado com o cliente. Não há, porém, nessa elaboração a uti-lização de sistemas teóricos de interpretação de conteúdos. O que são identificados basicamente, são os processos de desenvolvi-vimento da experiência.

A elaboração verbal se dá em função da experiência vivi-venciada em terapia, principalmente, aquelas que deflagram exp-plosões dos sentimentos de amor, de tristeza, de raiva ou de alegria.

Como exemplo de utilização de atividades expressivas no espaço psicoterápico temos o trabalho desenvolvido por Oaklander (1980) com crianças e adolescentes. A autora mostra como, a partir da utilização da fantasia<sup>1</sup> a criança pode atravessar as passagens difíceis de sua vida pois, ao desenvolver a ca-pacidade de imaginar, a criança melhora a sua "habilidade de enfr-eutar e aprender." (p. 25).

Para Oaklander:

*"através da fantasia podemos nos divertir junto com a criança e também descobrir qual é o processo dela. Geralmente o seu processo de fantasia (a forma como faz as coisas e se move no seu mundo fantasioso) é o mesmo*

---

(1) Oferece um tema e pede que as crianças imaginem aquilo que ela vai contando, havendo geralmente espaço para que a criança construa toda a situação. Por exemplo, se se trata de um vôo que vai dar numa caverna na qual a criança se verá tendo um lugar seu e depois voltando ao grupo, a autora con-vida a criança a visualizar cada situação, ou seja: no vôo, como são suas asas, que sensações e sentimentos experimenta, como é a paisagem; ou no lugar seu, o como é esse lugar, o que há nele, como se sente em relação ao que há nele, etc.

que o seu processo de vida. Podemos penetrar nos seus recantos mais íntimos do ser criança, por meio da fantasia. Podemos trazer à luz aquilo que ela evita, e podemos também descobrir o que se passa na vida da criança a partir da perspectiva dela própria. Por estas razões, encorajamos a fantasia e a utilizamos como instrumento terapêutico." (Ibid., p. 25).

A fantasia auxilia na tarefa de contactar os sentimentos da criança, a sua própria essência.

Não se trata, entretanto, de um incentivo a um refúgio em um mundo imaginado. O que é vivenciado na fantasia é traduzido em imagens (usando tinta, argila, etc.), textos, ações (dramatizações com bonecos ou pessoas) e este material produzido tem seus conteúdos elaborados pela criança. A elaboração do conteúdo é feita através de algumas técnicas:

- a criança pode se tornar uma parte do desenho e falar sobre os sentimentos desta parte, trazendo-o para o aqui e agora e por vezes experimentando-o;
- ela pode viver o desenho, dramatizando-o com o auxílio do terapeuta e de outras crianças (caso esteja em um grupo).

Em todos os casos a autora investiga com a criança o como ela se sente, o quanto o desenho reflete o seu momento de vida (em que sentido) ou o quanto mostra o seu oposto. Também explora com a criança as possibilidades diferentes de relação para as quais o desenho aponta (não apenas há a repetição, res-

gata-se a capacidade criativa).

Através da atividade de fantasiar e reproduzir as imagens que emergem a partir da fantasia, a criança desenvolve a capacidade de apreender melhor o mundo e se reaproxima dela mesma. A criança traz à luz seus sentimentos e sensações, reestrutura a sua ação pela experiência de diferenciação e pelo desenvolvimento da capacidade de integração.

Também no caso da gestalt-terapia caberia apontar uma incerteza quanto à sua fundamentação. Sua plataforma original, a teoria gestaltista - não apenas quanto às escolas de Graz e de Berlim, mas até mesmo de Leipzig - não ofereceria linhas realmente coadunadas com as práticas dessa terapia. Sobre uma base de "reenquadramentos" aparentemente cognitivos (para se utilizar aqui o termo de P. Watzlawick) manejam-se a miudo dinâmismos inconscientes com acentuada impregnação técnica da visão psicanalítica.



#### 4 - PSICOLOGIA ANALÍTICA

Na Psicologia Analítica, a atividade é pensada em rela  
ção com o desenvolvimento da consciência e da manutenção (ou es-  
tabelecimento) do contato do consciente com o que é não-consci-  
ente (considerando o mundo externo e o mundo interno).

A consciência brota do inconsciente, do todo indiferen-  
ciado. Ela representa, nesse sentido, a expressão de um dina-  
mismo psíquico que a transcende, o movimento em direção à signi-  
ficação, a tendência de transformação do diferenciado e do uno  
em multiplicidade. A consciência se expande pela integração dos  
conteúdos não conscientes. Essa integração se faz a partir da  
experiência, posto que a experiência implica numa interação do  
sujeito com aquilo que lhe acontece. Trata-se de uma ação en-  
tre sujeito, o que imagina, e algo, o que é imaginado. Tanto o  
mundo interno quanto o mundo externo fazem parte deste algo a  
ser experienciado pelo que Jung (1964) chama de consciência. É  
deste confronto que se origina a diferenciação. Entretanto, a  
consciência pode fechar-se à este processo. Ela rompe o contato  
com o que é diferente do que já foi estabelecido. O processo neu-  
rótico representa a unilateralização dos conteúdos da consciên-  
cia em função de uma imagem construída em função do social. As  
atitudes coerentes entre si e entre o que o meio solicita, são  
admitidas e aperfeiçoadas. O que não corresponde à imagem cris-  
talizada é expurgado da consciência ou mesmo nem chega a atin-  
gí-la.

Os complexos autônomos que se formam a partir do impedimento do acesso de conteúdos a consciência vão, mesmo ocultos, atuar na psique. No nosso dia-a-dia, os complexos vão minar a interação com o mundo de várias maneiras. Os atos falhos, os esquecimentos, as reações inesperadas retratam a existência de aspectos do sujeito por ele não ouvidos.

Para Jung (1964), tudo o que é afastado da consciência há de buscar a manifestação em algum aspecto do indivíduo. Tudo o que lhe é inconsciente é projetado. Tanto os conteúdos do inconsciente pessoal, quanto os impulsos do inconsciente coletivo hão de ser vivenciados como ameaças provenientes dos mundos objetivos (interior e exterior). Assim o traço mais marcante do neurótico é a sua rigidez. Nela ele está preso. Os muros que o mantem protegido e afastado do pretenso inimigo também o aprisionam num mundo de condicionamentos, de formas estabelecidas a priori de sentir, pensar e agir.

O neurótico mantém-se afastado de sua própria natureza, do seu sentido e ritmo de vir-a-ser. Ele rompeu com o que nele se constitui como vida e movimento. Está surdo e cego às manifestações da psique total e do impulso de diferenciação (que foi atendido apenas parcial e momentaneamente). Não admite nada, ou pouco, além daquilo que já lhe é conhecido.

A psicoterapia junguiana tem por objetivo o restabelecimento do contato entre o centro da consciência, o ego, e o centro do inconsciente, o self (ordenador de toda a vida psíquica); a retomada da grande viagem da consciência rumo à totalidade. Totalidade aqui entendida não como perfeição por um lado,

ou como retorno ao uno indiferenciado original, mas como realização de potencialidades existentes no indivíduo; realização esta onde mesmo os impulsos do inconsciente coletivo que buscam manifestação hão de fazê-lo em função de um plano pessoal (particularizado) de vir-a-ser. Esse plano, ou melhor, essa orientação de movimento, é regido pelo self.

Jung (1981) propõe que a única forma de retornar ao caminho é o restabelecimento do eixo ego-self, de contato dialético entre estas duas instâncias da psique. Tal contato não se dá, entretanto, por vias diretas. O inconsciente do indivíduo lhe manda mensagens em sua linguagem própria, através de imagens que carregam afetos. Cabe à consciência a leitura e compreensão destas mensagens<sup>1</sup>. É nesse sentido que muitas vezes Jung usa a palavra confronto: o ego, ao mesmo tempo que se encontra permeável ao inconsciente, sobre ele exerce uma ação reflexiva. O indiferenciado se diferencia ao receber uma significação consciente, ao ser compreendido e integrado à consciência.

Como, na Psicologia Analítica a ênfase é dada ao processo de individuação, no qual o indivíduo se torna cada vez mais ele mesmo, os sistemas interpretativos são secundários. O analista deve ter um grande conhecimento do processo de desen-

---

(1) Lembremo-nos que para Jung a linguagem do inconsciente não se constitui em um disfarce, como o considera Freud. Trata-se de uma outra forma de expressão, ligada às formas humanas mais primitivas de significação. A linguagem verbal faz parte das conquistas da consciência, assim como a lógica, como a razão. As produções do ser humano, como no caso dos sônhos, que apresentam o inconsciente, apresentam-no com uma construção própria não disfarçada. A significação deve ser consciente, deve ser reconstruída pelo ego, na sua faixa de entendimento e compreensão do mundo.

volvimento da humanidade através do conhecimento da história das civilizações. Deve também ter contato com as grandes produções da humanidade ou seja, os sistemas religiosos, filosóficos, as obras de arte, os textos mitológicos. Todo este material é posto a serviço do processo de integração que o paciente executa no espaço terapêutico. O material advindo das pesquisas do analista serve como recurso de ampliação, na medida em que podem auxiliar o paciente na sua interação com o inconsciente. São pistas para uma reflexão conjunta, onde o mais importante é a vivência que o indivíduo tem do material inconsciente que aflora em seus sonhos, fantasias e produções; é o que é particular ao sujeito, ao que lhe é peculiar.

Jung (1981) é taxativo ao considerar que o apriorismo deve ser reduzido ao máximo, que o indivíduo em tratamento é um ser único, que não devemos usar o que este ser nos apresenta para confirmarmos essa ou aquela teoria:

*"os diagnósticos clínicos são importantes pelo fato de proporcionarem uma certa orientação, embora não ajudem o paciente. O ponto decisivo é a questão da 'história' do doente, pois revela o fundo humano, o sofrimento humano e somente aí pode intervir a terapia do médico."*  
(1967, p. 115).

Mais adiante Jung acrescenta:

*"não se trata de confirmar uma teoria, mas de fazer com que o doente se compreenda a si mesmo como indivíduo."* (Ibid., p. 121).

Assim, do contato com o sofrimento particularizado é que pode brotar o novo. O novo só é possível do confronto entre o particular e o coletivo, que se encontram na psique do indivíduo. Refere-se a manifestação do impulso criador, que é inconsciente, que busca a interação entre elementos. A interação não nega um elemento em função de outro, nem elimina a ambos. Ela se faz entre e a partir deles, gestando um terceiro elemento que transcende a dualidade. Desta forma, não basta identificar, personificar, os jogos dinâmicos que têm lugar na psique. É preciso ir para além destes, o que vai gerar transformações tanto no sistema consciente quanto no sistema inconsciente.

No processo terapêutico alguns recursos são utilizados para auxiliar a esfera consciente a executar o seu trabalho de integração<sup>1</sup>. Estes recursos utilizados por Jung (1981), brotam de sua própria experiência, e é do relato da sua experiên—cia que podemos inferir a sua forma de utilização da atividade no processo de auto-conhecimento.

Houve momentos de contato com forças do inconsciente que Jung (1967) aponta como marcantes em sua vida. O primeiro momento foi em sua infância, quando ficou afastado por seis meses da escola. Dessa época em que se entregou ao mundo da natureza, e à sua própria solidão, Jung apreendeu o perigo de se ficar preso ao fascínio das imagens inconscientes. Considera que nessa época, ao se entregar aos seus sonhos, fantasias e à natu

---

(1) A integração pressupõe a transformação do ego pelo conteúdo dele antes afastado ou oculto. Difere do processo de assimilação pois neste o novo conteúdo consciente é fusionado à materiais subjetivos, reforçando-os.

reza, se afastou não só dos outros seres humanos mas também dele mesmo. Considerou também que esta experiência foi o seu primeiro contato com o que é uma neurose.

Mais tarde, outros questionamentos são feitos quanto ao deixar-se aberto às forças do inconsciente. Não se trata de ser tomado por conteúdo do inconsciente, de deixar o ego em estado de possessão (que também rouba o indivíduo dele mesmo). No entanto, o contato com o inconsciente, apesar dos riscos de um mergulho sem volta no universo coletivo, se faz necessário se o indivíduo almeja efetivamente realizar-se enquanto totalidade.

Sua segunda experiência marcante de confronto com o inconsciente se deu por ocasião do rompimento com Freud (1912). Ao se deparar com uma sensação de grande vazio, ao mesmo tempo que era acometido por fortes emoções, quando o intelecto não oferecia respostas ou orientação frente às questões que se lhe impunham, Jung preferiu deixar que a psique inconsciente se fizesse acontecer. O acontecer do inconsciente não se fazia, porém, no vazio. Havia a procura deliberada das imagens ligadas às emoções que sentia. Assim,

*"na medida em que conseguia traduzir as emoções em imagens, isto é, ao encontrar as imagens que se ocultavam nas emoções eu readquiria a paz interior. Se tivesse permanecido no plano da emoção possivelmente eu teria sido dilacerado pelos conteúdos do inconsciente. Ou, talvez, se os tivesse reprimido, seria fatalmente vítima de uma neurose e os conteúdos do inconsciente destruir-me-iam do mesmo modo. Minha experiência ensinou-*

*me o quanto é salutar, do ponto de vista terapêutico, tornar consciente as imagens que residem por detrás das emoções." (1967, p. 158).*

Não basta, porém, buscar tais imagens. Um outro trabalho se faz necessário: as imagens precisam ser objetivadas. Jung objetivou-as através de esculturas, desenhos, além de escrevê-las. Procurou registrar também as condições psíquicas nas quais as imagens e fantasias apareciam.

A objetivação tem como benefício primeiro que as imagens não se perdem nem são tão facilmente adulteradas, como o relato aponta, por outras forças do inconsciente que venham a atuar sobre elas. Outro benefício é o que diz respeito ao distanciamento que se tem da imagem quando esta é objetivada: sua força é despotencializada e o indivíduo que a produz já não está tão vulnerável à sua influência (no sentido de ser tomado, possuído por).

*"O mais importante é diferenciar o consciente dos conteúdos do inconsciente. É necessário, por assim dizer, isolar estes últimos, e o modo mais fácil de fazê-lo é personificá-los, estabelecendo depois, a partir da consciência, um contato com estes personagens. Apenas dessa maneira é possível despotencializá-los, sem o que irão exercer seu poder sobre o consciente." (Ibid., p. 165-166).*

Humbert (1985), analista junguiana, acrescenta, à compreensão deste processo que:

*"objetivando a emoção ou a impulsão, o sujeito toma distância e diferencia-se delas. Entra então numa outra relação com aquilo que o afeta." (p. 21).*

A objetivação se faz pelo desenho, pela pintura, pela modelagem e pela escrita. No caso da escrita, além do relato de fantasias, idéias, há também a utilização do que Jung (1981) denominou de imaginação ativa: o material inconsciente personificado trava diálogos entre si e/ou com o ego.

Que outra relação é esta que o sujeito entra com o conteúdo que se apresenta no resultado da atividade expressiva?

Na resposta a esta pergunta encontra-se a raiz do terceiro benefício da objetivação.

Ao se centrar a atenção reflexiva na imagem objetivada, esta adquire uma qualidade transformadora, pois se mostra como prenhe de mensagens a serem realizadas na consciência em forma de significados. Assim, o campo da consciência se transforma a partir da objetivação e da consideração do objetivado. Como adverte Jung (1967):

*..."o decisivo, em última instância, é sempre o consciente, pois ele que deve compreender as manifestações do inconsciente e tomar posição frente a elas." (p. 166).*

Desta forma, na visão junguiana, quando se lança mão do recurso da atividade expressiva, não se abre apenas espaço à



catarse, ou para que a imagem produzida cumpra um papel reorganizador<sup>1</sup>. A atividade corresponde a uma etapa de um ciclo de integração de conteúdos, ciclo este que pressupõe a participação ativa do ego. Ativa tanto no sentido da busca de significação, quanto no sentido de abertura para transformações decorrentes do contato com o material objetivado e com as significações dele extraídas.

A busca de significação (que no início do processo é atuada pelo analista) corresponde à atitude crítica - científica, como diz Jung - sem a qual não há desenvolvimento; há, sim, fragmentação. É o que inferimos do já, em si, claro relato de Jung (1967) sobre sua experiência:

*"Minhas buscas científicas foram o meio e a única possibilidade de arrancar-me a esse caos de imagens; de outro modo esse material se agarraria a mim como ferões ou me enlaçaria como plantas palustres. Procurei transformar cuidadosamente cada imagem, cada conteúdo, compreendendo-os racionalmente na medida do possível, e principalmente, procurei realizá-los na vida. Pois é isto em geral o que se negligencia. Deixamos as imagens emergirem, extasiamo-nos talvez diante delas, e com isto nos satisfazemos. Poupa-se, em geral o esforço de compreendê-las e o pior é que não se encaram as*

---

(1) A imagem produzida é um recurso que o inconsciente utiliza para contactar a consciência. Enquanto símbolo, possui numinidade, mas mesmo assim é a atenção consciente que deflagra a transformação mais profunda e radical.

*conseqüências éticas que elas suscitam. Desta forma, aparecem os efeitos negativos do inconsciente."* (p. 171).

A atitude ética emerge necessariamente do confronto. É a pesada obrigação para com a atualização das potencialidades ou tendências antes ocultas e que se descurtinam com o resgate das significações. Trata-se do compromisso com a totalidade, que emerge da compreensão de que não se está só na psique, de que há uma força autônoma com a qual o sujeito precisa se entender. A neurose é decorrente de uma atitude unilateral do consciente frente ao inconsciente. A transformação para o entendimento tem por base a mudança de atitude consciente.

É através deste entendimento que o indivíduo trava contato com as forças criativas de sua natureza. A criatividade tem sua origem, como impulso, nas camadas mais profundas da psique inconsciente. Sua manifestação entretanto depende do grau de permeabilidade do ego e de sua capacidade de investimento no que é sugerido por este impulso.

Quando o indivíduo ainda está preso aos aspectos infantis da personalidade, quando ainda está dominado pelos complexos infantis, ou seja, os nódulos de energia psíquica pertencentes a esfera do inconsciente pessoal, constituídos a partir da experiência do indivíduo com o mundo (com as figuras parentais, com as instituições sociais), a sua produção há de ser basicamente em função da necessidade de integração destes conteúdos. É a atividade compensatória, de espelhamento da parte não vivenciada pela atitude consciente, de espelhamento do contrá-

rio da atitude unilateral desenvolvida pelo consciente, que está em jogo.

Quando, finalmente, os complexos infantis são dissolvidos pela integração de seus conteúdos, a energia neles acumulada será utilizada para o fortalecimento da consciência<sup>1</sup> (que sofre mudanças pela ampliação, além do recebimento de maior quantidade de energia). Este fortalecimento impulsiona-a em duas direções: por um lado, o seu contato com o mundo externo é aprimorado, já que as projeções são reduzidas (recolhidas, melhor dizendo), por outro lado, como a energia colocada nos processos projetivos retorna ao psiquismo, e o ego já estabeleceu um contato enriquecedor com as camadas superficiais do inconsciente (sem ter, como era temido, sido destruído no confronto), ele pode se abrir, se tornar mais acessível às manifestações das camadas mais profundas do inconsciente.

Nesta fase, como relata Jung (1981), o indivíduo chega ao mundo das imagens inconscientes, à matriz da imaginação criadora de mitos. O conteúdo das produções - sonhos, fantasias - adquire outra tonalidade. Apresentam-se ao indivíduo imagens que lhe remetem ao lado mais misterioso da psique. Sua comunicação se faz através dos símbolos; sendo que para Jung (1985) a obra simbólica, mesmo que não completamente compreensível à nossa consciência, sempre lhe passa uma mensagem, posto que condensa em si o que de outra forma não poderia se manifestar, com ta

---

(1) O ego também é um complexo que constela em si conteúdos. A energia constelada nos complexos tem origem tanto no inconsciente coletivo quanto é parte da energia que no sistema psíquico deveria estar sendo usada pelo ego.

manha amplitude e, paradoxalmente, mesma economia.

Como propõe Cirlot (1984) o símbolo é uma "condensação expressiva e precisa" (p. 25), como o particular que representa o geral.

Assim,

*"a obra reconhecidamente simbólica não necessita dessa sutileza (estética); sua linguagem cheia de precentimentos nos diz bem alto: estou em condições de dizer mais do que realmente digo; eu 'entendo' para além de mim. Aqui podemos apropriar-nos do símbolo, apesar de não conseguirmos decifrá-lo satisfatoriamente. O símbolo é sempre um desafio à nossa reflexão e compreensão."* (Jung, 1964, p. 63).

As imagens produzidas a partir das camadas profundas do inconsciente que aparecem neste momento são expressão de uma "essencialidade desconhecida" (Ibid., p. 82). O símbolo é expressão do impulso criativo pois nele se encontra a síntese transcendente de tensões opostas. Ou seja,

*"a função criadora de símbolos oníricos é, assim, uma tentativa para trazer a mente original do homem a uma consciência 'avançada' ou esclarecida que até então lhe era desconhecida e onde, conseqüentemente, nunca existiria qualquer reflexão autocrítica."* (Ibid., p. 98).

---

(1) Parentesis é nosso.

O símbolo é também a expressão de um arquétipo<sup>1</sup> - este é um núcleo de energia virtual enquanto que aquele é uma máquina transformadora de energia. O arquétipo não é em si nem bom nem mal. A inflexão para o bem ou para o mal é determinada pela atitude do indivíduo. Quanto mais afastado o consciente do inconsciente, mais os arquétipos se manifestam através dos complexos autônomos drenando a energia que seria utilizada pelo ego, quanto mais o ego opta pelo "caminho do meio" (Jung, 1964, p. 92), não se pondo em uma posição unilateral, mais a energia do inconsciente pode ser utilizada para o contato com o mundo e para a realização da totalidade.

É através do impulso criativo que o grande paradoxo indivíduo/coletivo encontra uma resolução singular. A atividade formadora dos símbolos exerce uma ação mediadora, não é o resultado de conflitos. A simbolização representa a tentativa do encontro entre os opostos, que é movida pela tendência inconsciente à totalização. O impulso criativo é fator decisivo na grande jornada em direção à totalidade: "participa do processo vital, extra consciente da alma" (Jung, 1981, p. 48), da "procura do centro" no qual "o que chamamos de eu ocupa uma posição periférica". Essa mudança parece ser provocada pelo "afloramento da parte histórica da alma" (Ibid., p. 49), o que intensifica a sensação de vida e mantém a fluidez da personalidade consciente.

---

(1) Arquétipos: "resíduos arcaicos, imagens primordiais" (Jung, 1964, p. 67); trata-se de uma tendência instintiva a formar representações de um motivo, uma base instintiva de formação do fantasiar. Estas formas de imaginar foram construídas ao longo da existência da humanidade.

Apesar da base coletiva, os símbolos não podem ser arbitrariamente interpretados, ou seja, não devem ser interpretados em função dos aspectos universais:

*"ele precisa ser explicado de acordo com as condições totais de vida daquele indivíduo a quem se relaciona." ... os arquétipos só adquirem expressão quando se tenta descobrir, pacientemente, por que e de que maneira eles têm significado para um determinado indivíduo vivo." (Jung, 1964, p. 96).*

O elo

*"entre os mitos arcaicos ou primitivos e os símbolos produzidos pelo inconsciente" ...*

permite a identificação e a interpretação destes ...

*"símbolos em um contexto que lhes confere tanto uma perspectiva histórica quanto um sentido psicológico." (Ibid., p. 109).*

Desta forma, as aproximações - os paralelismos - feitas com os conteúdos encontrados nos mitos, nas diversas produções artísticas e nos sistemas religiosos, são úteis na medida

em que o significado coletivo neles imbutido permite a exploração da importância dos conteúdos produzidos por um indivíduo, para este indivíduo. Este processo é o que Jung denominou de amplificação.

Voltando à questão da atividade na psicologia analítica, a utilização do desenho, pintura, modelagem e imaginação ativa<sup>1</sup> no espaço analítico tem por objetivos:

- fazer com que o paciente saia da passividade infantil, pois o que ele via passivamente se transforma, ao ser representado, em um ato seu.
- ao mesmo tempo que a objetivação despotencializa os conteúdos inconscientes no sentido de força de possessão, ela possibilita a expressão do efeito de amplificação da consciência contido no material.

Esta otimização do efeito ocorre visto que ao produzir, por exemplo, um quadro, a sua execução material obriga ao pacien

---

(1) Tornemos mais claro o termo imaginação ativa: forma de meditação em que o ato de imaginar (o que é imaginado é escrito sob a forma de diálogo ou narração) ao mesmo tempo se encontra aberto aos impulsos inconscientes, sofre controle e participação da capacidade reflexiva do ego. Segue a duas regras básicas: Primeiramente, o ego atua no que é imaginado de acordo com os seus padrões comuns de ação - pois fugir deles seria simplesmente ater-se ao fantasiar e não esclareceria sobre a forma real de interação do ego com os conteúdos que lhe são estranhos. Em segundo lugar, as outras figuras ou situações que aparecem na imaginação ativa não devem sofrer interferência do ego. Segundo Humbert (1985): "a imaginação ativa quando aparece, se desenvolve em um campo ativo, isto é, em uma tensão atual entre objeto e sujeito. A cena apresenta-se a distância do sujeito. Solicita a sua reação como o faria um acontecimento e ao mesmo tempo anima-o inconscientemente." (p. 35).

te a contemplá-lo com cuidado e atenção, para que a representação guarde correspondência próxima com a fantasia base. Trata-se também de introduzir na fantasia um momento de realidade, o que lhe dá maior peso.

Porém, como adverte Humbert (1985) para a imaginação ativa e que pode ser aplicado as outras formas de atividade:

*"o afeto que se apodera de alguém é sua tarefa vital do momento. Não é suficiente que a imagem apareça. A imaginação ativa não se reduz nem a uma emergência nem a uma catarse. Na realidade favorece um encontro." (p. 35).*

Com esse método,

*"o paciente pode tornar-se independente em sua criatividade, já não depende dos sonhos, nem dos conhecimentos do médico, pois, ao pintar-se a si mesmo - digamos assim - ele está se plasmando. O que pinta são fantasias ativas - aquilo que está mobilizado dentro de si - o que está mobilizado é ele mesmo, mas já não mais no sentido equivocado anterior, quando considerava que o seu 'eu' pessoal e o seu 'self' eram uma e a mesma coisa. Agora há um sentido novo, que antes lhe era desconhecido: seu eu aparece como objeto, como objeto da quilo que está atuando dentro dele." (Jung, 1981, p. 46-47).*



Eis aqui a mudança de atitude da qual falamos anteriormente. O consciente deixa de se superestimar, ocorrendo paulatinamente um deslocamento do centro de gravitação da personalidade, do ego para o self.

Pela atividade criadora o paciente se liberta progressivamente da dependência doentia, desenvolvida em relação aos pais e às instituições sociais e transferida para a relação com o analista. Ele readquire firmeza interior e renova a sua autoconfiança, o que acaba por lhe trazer benefícios na vida social,

*"pois, uma pessoa interiormente segura e autoconfiante está mais bem preparada para suas funções sociais do que alguém que não está bem com o seu inconsciente."*  
(Ibid. p. 47-48).

O que se tenta em psicologia analítica, é a construção ou o resgate da capacidade de compreensão do material inconsciente por quem o produz. Fordham (1978) enfatiza as vantagens da utilização do método de transformação das imagens oníricas em desenhos, pinturas ou esculturas:

*"ao explorar os sonhos desta maneira, o paciente (embora seja provável que ele feche os olhos às implicações desagradáveis) forma a sua independência e aprende, em certa medida a compreender, ele próprio o inconsciente. Conscientiza as imagens que o movem e desta maneira fica a conhecê-las melhor. Até a simples execução de um desenho pode ter um efeito: curar um humor de-*

*pressivo, ou trazer um alívio de tensão. Por meio dessa cooperação ativa evita-se o perigo de flutuar sem finalidade no mar infinito da fantasia e os sonhos tornam-se não só fontes de informação mas também de potencial criativo." (p. 93).*

Jacobi (1964), mostra no texto "símbolos numa análise individual" como faz uso dos desenhos e das pinturas para esclarecimento e amplificação de significados carregados pelas imagens oníricas. Do relato feito pela autora, o caso de um paciente em análise, apreende-se que os desenhos feitos pelo paciente serviram de base para reflexões aprimoradas e pormenorizadas sobre os conteúdos que, através das imagens oníricas, precisavam ser diferenciados e integrados pelo consciente.

Hall (1989), representa uma linha de analistas junguianos que utiliza outras formas de atividade no espaço psicoterápico. Além das representações de imagens oníricas através de materiais expressivos brutos (tinta, argila) e da imaginação ativa, o autor também fala da utilização de formas dramáticas de representação como a técnica da cadeira vazia da gestalt terapia, onde a pessoa trava um diálogo com uma versão de sua psique ou com uma pessoa significativa para ela (a pessoa desempenha os dois papéis, mudando de cadeira ao mudar de papel). Pode-se direcionar, em caso de terapia do grupo, o trabalho para um psicodrama, onde os membros do grupo fazem os papéis necessários.

O tabuleiro de areia é outra forma de representação utilizada. Consiste em oferecer ao paciente, como recurso de ex

pressão de situações, imagens oníricas ou fantasias, um tabuleiro de areia e um conjunto de peças variadas de diferentes cores e tamanhos (animais, carros, pessoas, objetos, etc.). O paciente, então, pode selecionar as figuras necessárias para a montagem na caixa de areia do cenário que tem em mente.

Não apenas o produto (que é fotografado) é analisado, todo o processo de seleção, colocação, descarte e realocação das figuras entra no processo de conscientização. Por vezes o analista participa da montagem tanto perguntando sobre as figuras nele existentes e sobre as modificações feitas pelo paciente quanto perguntando sobre a possibilidade de reposição ou substituição de figuras.

A prática aqui se mantém fiel à proposta junguiana do aprimoramento do diálogo entre consciente e inconsciente e do desenvolvimento de transformação da psique.

*"O valor de todas as técnicas de representação reside na produção de uma imagem ou forma para a atividade inconsciente constelada. Essa forma permite que o ego vigil tome uma atitude diante do que antes era inconsciente e produzia, em lugar de percepção e compreensão, sintomas." (Hall, 1989, p. 135).*

Poder-se-ia alegar que o autor foge à proposta de Jung por admitir o trabalho de grupo. De fato, Jung (1981) critica o trabalho de grupo e diz ser impossível o desencadeamento e a manutenção do processo de individuação em movimento desta forma.

Se nos detivermos com atenção na crítica de Jung às psicoterapias de grupo veremos, entretanto, que ela questiona o que ele chama de terapia por sugestão. Nestas, o saber do terapeuta impera sobre a experiência do indivíduo e tem como preocupações base a adaptação e o controle do comportamento. Aquilo que Jung conheceu como psicoterapia de grupo efetivamente se põe em oposição à prática psicoterápica que visa o desenvolvimento das potencialidades do indivíduo. Ainda hoje encontramos atividades de grupo presas à postura adaptativa daquela época<sup>1</sup>, à qual as psicologias de massa se adequavam perfeitamente.

Porém, apesar das críticas de Jung serem pertinentes às psicoterapias que visam a adaptação do comportamento individual a objetivos sociais, sendo ele visto como um membro de um organismo, como uma parte que não possui direito à totalidade, os trabalhos de psicoterapia de grupo (principalmente aqueles que possuem como base os preceitos das linhas humanistas e existencia<sup>u</sup>listas) atualmente desenvolvidos, chegam efetivamente a auxiliar o processo de individuação.

Em que sentido? O processo de individuação não se propõe ao individualismo. Ele acontece no sentido da possibilidade de desenvolvimento de se ser íntegro no social. O indivíduo, ao mesmo tempo que se percebe como ser único e uno, reconhece

---

(1) Recordemo-nos de que, por volta de 1930, poucos anos após a existência do inconsciente ser defendida nos meios médicos, as tentativas em psicologia que estavam voltadas para o controle e adaptação do comportamento humano, se voltaram para o controle e adaptação do inconsciente. A forma encontrada foi a de por ênfase na identidade dos objetos individuais.

as causas histórico-coletivas de sua personalidade. Tanto a responsabilidade para com o seu próprio processo de vir-a-ser quanto a responsabilidade para com o mundo onde seu potencial se realiza, fazem parte de um mesmo movimento.

O confronto com o meio é necessário, posto que Jung (1967) não admite que o indivíduo se deixe fascinar tanto pelo seu mundo interno que se abstenha de realizá-lo no externo.

Nesse sentido, o trabalho em grupo pode ser extremamente rico. O indivíduo aprende a exercer a sua individualidade com e apesar das individualidades que o cercam:

*"pois fortalece a consciência do indivíduo a respeito da sua própria posição e permite que cada um assuma essa posição a despeito da pressão do grupo."* (Hall, 1989, p. 143).

O trabalho de grupo facilita também o aparecimento de formas do indivíduo lidar com o mundo, que poderiam ficar afastados do setting terapêutico. Tanto o terapeuta constata o como e o quando o indivíduo projeta mais intensamente (em um grupo, os receptáculos de projeção se multiplicam), quanto o indivíduo tem a oportunidade de perceber, se conscientizar, a partir de um acontecimento presente (e não rememorado), o conteúdo e a forma de suas projeções. O valor do experienciar no processo de autoconhecimento fica claro.

"A experiência no grupo fornece exemplos dos tipos de interação neurótica que se encontram na história individual de

cada um, assim como, freqüentemente, nas afirmações simbólicas dos sonhos que temos." (ibid.).

Segundo a nossa própria experiência, a possibilidade de dissolução de forte censura interna e desenvolvimento da compaixão, também se encontram no trabalho de grupo. É impressionante a transformação deflagrada quando o indivíduo percebe que apesar de expor seus "pecados" não é destruído ou rejeitado pelo grupo, e que ao invés de ser conduzido ao inferno ele tem a possibilidade de redenção, conferida não pela figura do analis-  
ta (com a qual estabelece uma relação diferenciada) mas por outros que como ele, fazem julgamentos, tem preconceitos e os manifestam no espaço de terapia. O indivíduo tem também a possibilidade de se abrir ao sofrimento do outro, e se tornar tanto mais compreensivo com a falibilidade humana quanto mais atento às possibilidades de crescimento que se escondem por tras da neurose.

Antes de romper com o diálogo entre individualidades, o trabalho em grupo pode aprimorá-lo. Além disso o confronto entre individualidades serve como base para o exercício de ser no meio social:

*..."ajuda o paciente a perceber a diversidade de opiniões existentes num grupo de pessoas e na experiência da capacidade de conviver sem desconforto no grupo sem aprovação unânime." (Ibid., p. 144).*

Para Hall, no que concordamos plenamente, o trabalho de grupo evoluiu muito no que se refere ao respeito ao indivíduo e

traz em si oportunidades de resgate da integridade, raramente oo ferecidas pelo espaço de terapia onde interagem somente analista e analisando.

Consideramos entretanto, que somente o trabalho de grupo não é suficiente. Se faz necessário o aprofundamento das questões levantadas no grupo e trabalhadas na hora em que ocorreram. O espaço, oferecido no grupo, de particularização do geral (mesmo quando há semelhanças de afetos experimentados por membros do grupo estes são diferenciados, indivíduo a indivíduo) muitas vezes não é suficiente, o que pede mais tempo de reflexão conjunta com o analista.

Não vemos, portanto um rompimento com a perspectiva junguiana. O trabalho de grupo sofreu transformações radicais desde a época que as críticas foram elaboradas. Pela forma como atualmente se utiliza o grupo como recurso terapêutico, antes da negação da individualidade, há o seu reforço.

Em um artigo de Golfeto (1989) sobre o emprego da abordagem junguiana na psicoterapia infantil, vemos uma outra tentativa de aproximação da teoria junguiana da atividade no espaço psicoterápico.

Seu relato descreve o atendimento de uma criança do sexo masculino e os procedimentos utilizados. Ele trabalhou com jogos, desenhos e com a caixa de areia, tendo feito fotos das montagens feitas pelo paciente. As produções, pelo que entendemos do artigo, eram analisadas em bloco, após um conjunto de e-

xecuições. Diálogos sobre estas, enquanto eram feitas ou após a produção de cada uma separadamente, parecem não terem ocorrido.

Pelo que é apresentado no texto, no que se refere ao trabalho com os desenhos, vemos um bom exemplo de como a técnica de amplificação pode ser usada contra o paciente. Sobre o mesmo desenho, de um menino abraçado a uma árvore, o autor aponta para uma gama de possibilidades de significação (Hora a árvore é relacionada ao arquétipo da grande mãe, hora ao analista, hora o menino do desenho é o paciente, hora representa o analista), sem que haja espaço para o aparecimento das significações do paciente, tanto no sentido de seleção das significações essenciais para o paciente quanto no sentido do resgate pelo paciente das significações de sua produção.

Ao mesmo tempo que o autor propõe o desenvolvimento do eixo ego-self, ele aparentemente mantém-se atrelado a uma postura frequente em alguns analistas que se utilizam do conjunto teórico junguiano, ou seja, ele abre espaço para a emergência do inconsciente, considerando que o produzir já é em si o fator primordial de desenvolvimento, e nem oferece o espaço necessário à participação reflexiva do ego nem efetivamente auxilia no desenvolvimento desta capacidade.

Ao falar sobre o processo de interpretação de sonhos (e que consideramos válido para a análise de qualquer imagem) Humbert (1985) acrescenta:



*"Os comentaristas de imagens são muitas vezes tentados brincar com a polissemia e a escorregar de um significado para outro. A interpretação de um sonho exige, ao contrário, juntar as associações sem omitir nenhuma a fim de apreender a singularidade do sentido na singularidade da figura. É um trabalho de precisão, trabalho da diferença." (p. 27).*

A nosso ver o emprego do sistema psicoterápico junguiano depende principalmente da fidelidade ao estabelecimento da relação dialética entre consciente e inconsciente, que se dá em um mesmo processo contínuo de diferenciação e integração de opostos. O paciente desenvolve a capacidade de realizar as suas potencialidades no mundo, sendo que o terapeuta deve se abster de interferir no direcionamento dessa realização (o que é diferente de oferecer meios para que esta se torne possível). À frente da técnica ou do conjunto teórico-interpretativo, Jung (1981) sempre pôs a individualidade do paciente. Apesar de considerar algumas etapas nos processos de diluição da neurose e de individuação, Jung, em sua obra, permanece respeitosamente a tento à individualidade do paciente. As atividades que mencionamos são apenas recursos criteriosamente utilizados em função da realização da totalidade - o que inclui a participação de todas as instâncias da psique, especialmente ego e self.

## CONCLUSÃO

A utilização da atividade no espaço terapêutico, como pudemos observar, se dá de forma muito variada. Sua função também varia segundo o conjunto teórico-prático que dela lança mão.

No caso da terapia ocupacional, a atividade é considerada tanto como organizadora do mundo interno do indivíduo, como catalizadora das vivências deste mesmo mundo. Mesmo nas posturas mais modernas, os conteúdos produzidos são considerados mas não utilizados como recurso de desenvolvimento da consciência - ao menos - no que se refere à um investimento ativo na investigação de significação por parte do paciente.

Esta abordagem nos parece incompleta, pois, praticamente, se mantém presa às raízes dos primeiros desenvolvimentos em psiquiatria, pondo a atividade como um fim em si mesma. À consciência do sujeito pouco se acrescenta, se considerarmos a capacidade reflexiva que não é trabalhada. Muito se apreende do coletivo, mas o indivíduo é esquecido.

A arteterapia se mostra como uma alternativa interessante, pois compreende não apenas a produção e o produto (as imagens produzidas) mas também o produtor é incluído no processo

de análise e elaboração. Os conteúdos passam a ser tratados como fontes de significação para o indivíduo que os produz.

Com a psicanálise temos uma visão teórica sobre o processo criativo, a origem de sua energia e o seu objetivo: a canalização da energia inconsciente, originariamente destinada a satisfação dos desejos do inconsciente, à atividades socialmente admitidas, como o trabalho e a produção artística. Aqui há todo um edifício teórico de atribuição da significação do produzido. O conteúdo latente, disfarçado, carrega basicamente sentimentos de amor e ódio às figuras parentais (desejos incestuosos ou de destruição), e formas de lidar com o mundo que socialmente foram reprimidas em suas manifestações.

Como dissemos antes, não concordamos com a redução do impulso criativo ao processo de sublimação. Tampouco o consideramos como um movimento secundário de elaboração de aspectos mórbidos do psiquismo - se bem que pode vir a ser utilizado também neste sentido, o que supomos tenha dado origem à confusão.

O psicodrama resgata o valor da vivência como forma de conscientização. Não se trata de fazer teatro. Por objetivos da dramatização temos o desenvolvimento da espontaneidade (que é uma função em si), a catarse das tensões emocionais e a elaboração do experienciado.

No psicodrama vemos a mesma postura que encontramos na gestalt. A valorização da experiência e a tentativa de resgate da significação existencial e relacional dos conteúdos. Além disso, em ambas as teorias se valoriza a compreensão da forma de estar no

mundo e se trabalha para o aprimoramento desta forma. Ao fazer atribui-se intencionalidade.

A perspectiva junguiana, ao que parece, oferece um conjunto teórico mais amplo para a compreensão do papel de atividade no desenvolvimento da consciência.

Ao mesmo tempo que lhe confere base histórico/coletiva, não perde contato com indivíduo e sua singularidade.

A visão da criatividade como uma função especial da psique também se aproxima da nossa própria compreensão do ser criativo. O experienciar é valorizado ao mesmo tempo que a reflexão sobre o experienciar é condição sine qua non ao desenvolvimento da consciência.

A perspectiva junguiana nos oferece a instrumentalização teórica para melhor lidarmos com o inconsciente e compreender suas manifestações (do inconsciente coletivo e do pessoal). Entretanto, vemos na gestalt e no psicodrama contribuições que não podem ser descartadas na prática psicoterápica.

Na busca da fundamentação não houve a descoberta de uma linha teórica que abarcasse suficientemente o processo de utilização da atividade como recurso psicoterápico. Estas linhas se mostram complementares. Este estudo ofereceu algumas respostas aos nossos questionamentos, apontou para algumas direções e posturas mas consideramos que o maior e mais rico trabalho se faz a partir da fundamentação teórica: o exercício do conhecimento adquirido na prática com o paciente, não para confirmá-lo, mas para identificar em que medida ele pode auxiliar no alívio do sofrimento humano e no processo de transformação desse sofrimento, que reflete dissociação, em integração e totalidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERGER, Peter, L. e LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis, Vozes, 1987. 7a.ed.
- BLEULER, Eugen. Demência precoce, el grupo de las esquizofrenias. Buenos Aires, Paidós, 1960.
- CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. Dicionário de símbolos (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). Rio de Janeiro, José Olympio ed., 1989.
- CIRLOT, Juan-Eduardo. Dicionário de símbolos. São Paulo: Ed. Moraes, 1984.
- FIORINI, Héctor J. e PEYRÚ, Graciela M. Desenvolvimento em Psicoterapias. Rio de Janeiro, Francisco Alves Editora, 1978.
- FORDHAM, Frieda. Introdução à psicologia de Jung. São Paulo. Verbo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978.
- FREUD, Sigmund. Un recuerdo infantil de Leonardo de Vinci - Obras Completas, 3a.ed. Madrid, Biblioteca Nueva, 1973b. V.2, Cap. L.

FREUD, Sigmund. Los instintos y sus destinos - Obras Completas. 3a.ed. Madrid, Biblioteca Nueva, 1973a. V.2, Cap.LXXXIX; p. 2032-2052.

FROMM, Erich. A linguagem esquecida: uma introdução ao entendimento dos sonhos, contos de fadas e mitos. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1962.

GOLFETO, J.H. Psicoterapia infantil: uma abordagem junguiana. In: Arquivos Brasileiros de Psicologia, FGV, 41(3): 79-94, jun./ago., 1989.

HALL, James A. A experiência Junguiana. São Paulo, Editora Cultrix, 1989. 2a.ed.

HUMBERT, Elie G. Jung. São Paulo, Summus, 1985.

JABOBI, Jolande. Símbolos em uma análise individual. In: Jung C.G. (editor). O homem e seus símbolos. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, p. 272-303, 1964. 9a.ed.

JUNG, C.G. A prática da psicoterapia: contribuições ao problema da psicoterapia e da psicologia da transferência. Petrópolis, Editora Vozes, 1981. (Obras Completas de C.G. Jung, v. 16).

\_\_\_\_\_. Chegando ao inconsciente. In: JUNG, C.G. (Editor) O homem e seus símbolos. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, p. 18-103, 1964. 9a.ed.

\_\_\_\_\_. Memórias, sonhos e reflexões. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1967, 4a.ed.

- JUNG, C.G. O espírito na arte e na ciência. Petrópolis. Ed. Vozes, 1985.
- KLEIN, Melanie. Princípios del analisis infantil: contribuciones al psicoanálisis. Buenos Aires, Paidós, 1971.
- \_\_\_\_\_. Sentimento de culpa, amor e criatividade. In: KLEIN, Melanie e RIVIERE, Joan. Amor, ódio e reparação. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1970.
- KNELLER, G.F. Arte e ciência da criatividade. São Paulo, IBRASA, 1971.
- KUHN, Thomas S. A estrutura das revoluções científicas. São Paulo, Perspectiva, 1987. 2a.ed.
- MORENO, J.L. Fundamentos de la sociometria. Buenos Aires, Paidós, 1962.
- MORENO, J.L. Psicodrama. São Paulo, Editora Cultrix, 1975.
- NAZARETH, Maria Helena P. Psicodrama: uma mudança no discurso. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, ISOP/CPGP. Tese, 1978.
- OAKLANDER, Violet. Descobrimos crianças: a abordagem gestáltica com crianças e adolescentes. São Paulo, Summus, 1980 (Col. Novas buscas em psicoterapia, V. 12).
- PEREIRA, Regina de C.C. A espiral do símbolo: a arte como terapia. Petrópolis, Ed. Vozes, 1976.
- PERLS, F.S. Resolução. In: PERLS, F.S. e outros. Isto é gestalt. São Paulo, Summus, 1977. 3a.ed. (Col. Novas buscas em psicoterapia, V. 3) p. 99-105.

- ROSA, Sonia Maria B.N. da. A arte do psicótico: manifestação de saúde e expressão da patologia. Rio de Janeiro, PUC / Departamento de Psicologia. Tese de Mestrado, 1980.
- SILVEIRA, Nise da. (coord.) Casa das Palmeiras - a emoção de lidar - uma experiência em psiquiatria. Rio de Janeiro, Alhambra, 1986.
- \_\_\_\_\_. Jung - vida e obra. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981b. 7a.ed. (Col. Vida e obra).
- \_\_\_\_\_. Imagens do Inconsciente. Rio de Janeiro, Alhambra, 1981a.
- \_\_\_\_\_. (supervisora). Os inumeráveis estados do ser. Rio de Janeiro, Imprinta, 1987.
- \_\_\_\_\_. Terapia ocupacional, teoria e prática. Rio de Janeiro, Casa das Palmeiras, s/data.
- TOBIN, Stephen A. Totalidade e auto-sustentação. In: PERLS, F. S. e outros. Isto é Gestalt. São Paulo, Summus, 1977. 3a.ed. (Col. Novas buscas em psicoterapia, V. 3) p. 177-199.
- WELL, Pierre. Psicodrama. Rio de Janeiro, CEPA, 1978. 2a.ed.



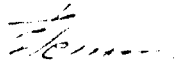
TÍTULO DA DISSERTAÇÃO


"ATIVIDADE E PSICOTERAPIA: UM RECURSO TÉCNICO DE AMPLIAÇÃO DA CONSCIÊNCIA"

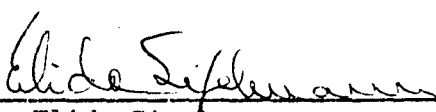
MESTRANDO(a) : YOLANDA MARA FREIRE DE OLIVEIRA SOUZA

Dissertação submetida ao CORPO DOCENTE da Coordenação de Pós-Graduação em Psicologia da Fundação Getúlio Vargas como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de MESTRE EM PSICOLOGIA.

Aprovado por:

  
\_\_\_\_\_  
Dr. Franco Lo Presti Seminério  
Prof. Orientador  
Membro da Comissão Examinadora

  
\_\_\_\_\_  
Dr. Ued Martins Manjud Maluf  
Membro da Comissão Examinadora

  
\_\_\_\_\_  
Dr. Elida Sigelmann  
Membro da Comissão Examinadora

Rio de Janeiro, 08 de janeiro de 1991